



UC/FPCE_2008

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Caracterização psicológica do pedófilo: Estudo
compreensivo**

Rafaela Oliveira Lima (e-mail: Lima.O.Rafaela@gmail.com)

Dissertação de Mestrado na Área de especialização em Psicologia
Clínica e Saúde, Subárea de especialização em Psicopatologia e
Psicoterapias Dinâmicas sob a orientação do Professor Doutor Eduardo
Sá

Caracterização psicológica do pedófilo: Estudo compreensivo

Resumo: O presente trabalho tem como objectivo central a análise e caracterização psicológica do pedófilo, nomeadamente ao nível da sua estrutura de personalidade, angústias dominantes e funções do ego. Para tal, procurou-se definir o conceito *Pedofilia* quer através do seu nascimento e desenvolvimento ao longo do tempo, quer pelo estudo das várias descrições sobre o mesmo. De forma a ilustrar estes contributos teóricos, realizou-se um estudo de caso com um sujeito a cumprir pena no Estabelecimento Prisional de Coimbra (EPC) por crimes de natureza sexual contra um menor. Esta análise foi feita a partir da aplicação de dois instrumentos de avaliação da personalidade (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2* e Teste de *Rorschach*), de uma entrevista semi-estruturada (*Hare Psychopathy Checklist-Revised*) e pelo recurso ao processo jurídico-penal do participante. Os resultados, não generalizáveis pelo tipo de estudo empreendido, foram lidos e discutidos à luz das teorias de Socarides, referência fundamental neste estudo, particularmente da sua classificação sobre a pedofilia.

Palavras-chave: Análise e caracterização psicológica, EPC, Pedofilia edipiana, Pedofilia pré-edipiana, Pedofilia esquizofrénica.

Psychological characterization of the paedophile: Comprehensive study

Abstract: The main goal of this dissertation is the psychological analysis and characterization of the paedophile, specifically concerning the structure of his personality, dominating anxieties and functions of the ego. To do so, the origin and development of the concept of Paedophilia through time is considered, as well as the diverse descriptions on the subject. This theoretical contributes are shouldered by a case study of a subject imprisoned in the Estabelecimento Prisional de Coimbra (EPC) for sexual crimes against a minor. This analysis leans on two personality assessment tools (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2* and the test of *Rorschach*), on an interview (*Hare Psychopathy Checklist-Revised*) and on the juridical process of the subject. The results, although they cannot be generalized because of the inherent characteristics of the study, are read and discussed in the light of Socarides theories, fundamental reference in this investigation (specifically his thoughts on the classification of paedophilia).

Key Words: Psychological analysis and characterization, EPC, Oedipal paedophilia, Pre-oedipal paedophilia, Schizo-paedophilia.

Agradecimentos

As minhas primeiras palavras de agradecimento vão para as pessoas que, de um modo mais directo, contribuíram para a elaboração deste trabalho:

O Dr. Eduardo Sá, meu orientador neste trabalho, pelo suporte, acompanhamento, e sobretudo pelos momentos de reflexão que me proporcionou.

A Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, pela autorização que me permitiu levar a cabo o presente estudo.

A Dra. Isabel Sofia e o Dr. Cláudio Pedroso, pela ajuda preciosa, pela forma como me receberam e acompanharam no Estabelecimento Prisional de Coimbra.

O X., participante deste estudo, pela sua disponibilidade e colaboração no mesmo.

A Dra. Isabel Keating, pelo apoio, interesse e palavras de encorajamento.

Gostaria também de agradecer às pessoas que, pelo lugar que ocupam em mim, foram fundamentais em todo este percurso:

Aos meus pais e irmão, porque muito do que sou e conquistei até aqui devo-o a eles, obrigada pelo apoio e compreensão intermináveis.

Ao Marijn, gracias por la “positive energie”, las muchas palabras y abrazos, por estares siempre a mi lado.

À Alda, à Luisa e à Milena, pela paciência, aconchego e força que me foram dando, e principalmente pela amizade incondicional.

À Carolina, à Marta e à Vanessa, companheiras de todos os momentos neste percurso, pelas incontáveis palavras de incentivo e ânimo, e sobretudo por se terem tornado muito mais que simples colegas de estágio.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	1
1. Pedofilia.....	1
Definição do conceito.....	1
A pedofilia dentro das perversões sexuais: Evolução histórica do conceito.....	2
O funcionamento dinâmico e económico das perversões sexuais.....	5
A multiplicidade do conceito.....	7
Tipologias sobre a pedofilia.....	9
2. Pedofilia e Abuso Sexual de Menores.....	11
Dois conceitos, duas realidades.....	11
O conceito do abuso sexual de menores.....	11
3. Concepções sobre a pedofilia.....	13
A pluralidade de concepções.....	13
II – Metodologia	18
2.1. Desenho de investigação.....	18
2.2. Amostra.....	19
2.3. Técnica de recolha de dados.....	19
2.3.1. <i>Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2</i> (MMPI-2).....	20
2.3.2. <i>Hare Psychopathy Checklist-Revised</i> (PCL-R).....	20
2.3.3. Teste de <i>Rorschach</i>	21
2.4. Procedimento.....	21
III – Resultados	22
3.1. <i>Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2</i> (MMPI-2).....	22
3.2. <i>Hare Psychopathy Checklist-Revised</i> (PCL-R).....	23
3.3. Teste de <i>Rorschach</i>	24
IV – Discussão	26
V – Conclusões	31
Bibliografia	32
Anexos	34

Introdução

Num período em que se assiste, na nossa sociedade, à banalização do termo Pedofilia, torna-se cada vez mais necessário analisá-lo em profundidade de modo a poder delimitá-lo e compreendê-lo. De um ponto de vista psicológico, essa análise é de facto imprescindível para alcançar uma maior compreensão tanto no que diz respeito ao diagnóstico, tratamento e prognóstico desta psicopatologia (Socarides, 1988). Segundo este autor, esse estudo deverá ser feito individualmente para cada caso uma vez que a mesma fenomenologia poderá assumir diferentes estruturas em diferentes indivíduos (*idem*). Neste sentido, mais do que procurar um conjunto rígido de elementos que caracterizam psicologicamente o pedófilo, pretende-se neste trabalho entender o que poderá estar na base dessas características e aplicar este conhecimento de forma discriminada, isto é, tendo sempre em conta o indivíduo e suas especificidades.

Começar-se-á por analisar o termo Pedofilia etiologicamente dentro do campo das perversões sexuais, desde Krafft-Ebing (1886), seu criador, até aos nossos dias, não esquecendo naturalmente os contributos preciosos de Esquirol, Morel, Dupré e Freud, entre outros. Também o funcionamento dinâmico e económico desta psicopatologia será aqui examinado, com base na obra de Socarides (1988), seguindo-se a apresentação de uma panóplia de definições e classificações psicológicas em volta do mesmo. Neste contexto, afigura-se imprescindível distinguir esta noção da de *Abuso Sexual de Menores*, bem como ir além das definições puramente descritivas que tomam frequentemente «o sintoma como foco da definição do quadro» (Paixão, 2002a), chegando-se assim a explicações mais amplas e compreensivas sobre o fenómeno. Posteriormente, enquanto ilustração do que foi anteriormente explicitado, será apresentado um estudo de caso em que se procurará analisar o sujeito em termos da sua personalidade e hipotética psicopatologia. Para tal, tentar-se-ão integrar as informações relativas à sua história de vida (conseguidas quer através da entrevista, como pela consulta do processo jurídico-legal), os dados resultantes das duas provas de avaliação aplicadas e os contributos teóricos supracitados, de modo a poder entender o funcionamento e significado da pedofilia especificamente para este caso. Por último, serão apresentadas as conclusões do trabalho e avançadas algumas das suas limitações, bem como sugestões para estudos futuros.

I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)

1. Pedofilia

Definição do conceito

O conceito de origem grega *paidophilia*—*pais* (criança) e *philia* (amor, amizade)—foi proposto pelo psiquiatra Krafft-Ebing em 1886, aquando da sua obra *Psychopathia Sexualis* (Gomes & Coelho, 2003; Pirlot

& Pedinielli, 2006). O autor descreve, segundo Juda (1986/2004, p.122), casos em que o objecto sexual é uma criança não em consequência de uma “degenerescência moral” ou de uma “impotência física”, «mas de uma *disposição mórbida*, uma perversão psicosssexual, que poderá ser chamada pedofilia erótica». É também nesta obra que o autor introduz na terminologia médica os conceitos de *sadismo* e *masochismo* (originários de Marquês de Sade e Sacher-Masoch) e que apresenta a distinção entre as anomalias segundo o *objecto* e as anomalias segundo o *alvo* ou os *meios*, retomada mais tarde por Freud (Pirlot & Pedinielli, 2006).

O pedófilo era assim visto como alguém que possuía uma doença mental (demência senil, alcoolismo crónico) ou uma debilidade mental (provocada pela sífilis, epilepsia...), corroborando a imagem estereotipada e moralista do “pervertido” ou do *dirty old man* (Howell, citado em Juda, 1986/2004). Todavia, são vários os autores que referem que pouca ou nenhuma atenção foi prestada a este assunto de um ponto de vista científico, e até mesmo “popular”, ao longo dos tempos, sendo que só recentemente passou a haver uma consciencialização e um interesse sobre esta matéria (Juda, 1986/2004; Socarides, 1988,2004; Matos, 1995; Vidigal, 1998; Gomes & Coelho, 2003; Volkan & Greer, 2004).

A pedofilia dentro das perversões sexuais: Evolução histórica do conceito

Etimologicamente, segundo Pirlot e Pedinielli (2006, p.98), o termo pedofilia refere-se à «atracção erótica pelas crianças» e pertence às perversões sexuais ou parafilias¹. O assomar da palavra perversão data do séc. XV e vem do latim *pervertere*, que significa corromper, depravar, desmoralizar, virar, inverter. Neste sentido, a noção é utilizada para descrever a transgressão ou desvio das normas ou leis, de um funcionamento ou de um processo (Pirlot & Pedinielli, 2006). O seu nascimento no campo da psiquiatria, não enquanto patologia mas como uma forma de “amoralidade” ou “degenerescência”, surge no séc. XIX e, ainda segundo os mesmos autores, edifica-se através dos subsequentes contributos.

Desde Pinel (1745-1826) e o seu conceito de *manias sem delírio* (perversão como loucura moral); Esquirol (1772-1840) e o termo *monomanias instintivas* ou *impulsivas* (incluem-se os comportamentos da perversão sexual); Morel (1809-1873) com as noções de *perversão dos sentimentos* e *perversão dos instintos genésicos* (forma de loucura e imoralidade mais extremada); Magnan (1835-1916) e o aparecimento da primeira classificação das perversões sexuais e de outras perturbações da genitalidade assente numa base organicista (*localizações imaginárias* das perversões na espinal medula); Ball (1833-1893) com a noção de *folie érotique* e a primeira distinção entre as perversões relativas ao objecto (homossexualidade, pedofilia, necrofilia, bestialidade) e perversões relativas aos meios (fetichismo, sadismo, masochismo); Tardieu (1818-1879) e a primeira descrição de perversões e agressões sexuais sobre crianças; Charcot

¹ Este conceito foi introduzido por Ferenczi em 1914, com o intuito de substituir a noção de perversão devido à conotação moral que esta comportava (Paixão, 2002a).

(1825-1893) e o estudo da *inversão do sentido genital*; Moll (1862-1939) com a obra *As perversões do instinto genital* (1891) na qual procede à “despsiquiatrização” da homossexualidade, mostrando a “normalidade dos invertidos”; Ellis (1859-1939) e a contribuição essencial da sua obra *A inversão sexual* (1986) para a fundação da sexologia do séc.XX; Dupré (1862-1921) e a hipótese de um *carácter perverso*, alargando a noção de perversão para além do sexual através da noção de *constituição perversa*, dentro da qual estariam as perversões sexuais (biologização das perversões); e, finalmente, a concepção inovadora de Freud (1856-1939), não só relativamente às perversões como a toda a sexualidade, que veio romper com o pensamento vigente.

Nas palavras de Matos (1995):

É o modelo psicanalítico que, até finais dos anos 50, prima, sendo as primeiras classificações das condutas sexuais desviantes dadas pelo modelo freudiano; afinal, primeiro modelo de compreensão dos comportamentos sexuais que se revelou um modelo conceptual fecundo, com uma influência tão forte que durante bastante tempo ocupou praticamente todo o campo de classificação dos agressores sexuais. (p.132)

Efectivamente, no entender de Freud a perversão tinha um lugar de destaque dentro da psicopatologia, era o seu “terceiro aspecto” ao lado da neurose e da psicose (Pirlot & Pedinielli, 2006). É em 1905, na obra *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que ele apresenta a sua primeira descrição e teoria sobre este fenómeno. Começa por, retomando o pensamento de Krafft-Ebing, dividir a perversão em duas categorias: inversão e perversão. O primeiro era usado para descrever os comportamentos desviantes em relação ao *objecto* da pulsão sexual, e o segundo era reservado apenas para aqueles comportamentos em que se verificava um desvio relativamente aos *meios* ou *alvo* da pulsão sexual (Freud, 1905a). Assim sendo, a perversão era entendida pelo autor como uma paragem no desenvolvimento da pulsão sexual que se ligava, por vezes, a acontecimentos reais na história do indivíduo (“hipótese da sedução sexual real” Matos, 1995), ao contrário do que sucedia na neurose (Pirlot & Pedinielli, 2006). Uma das suas formulações mais populares faz referência, precisamente, a esta oposição entre neurose e perversão: «a neurose é por assim dizer o negativo da perversão» (Freud, 1905a, p.50).

Nas palavras de Pirlot e Pedinielli (2006, p.29), numa tentativa de clarificar este pensamento, «o neurótico recalca o que o perverso põe em prática». A perversão seria então uma espécie de “sexualidade desculturalizada” na medida em que não é recalçada pela educação e pela cultura. Apesar de ter em comum com o sintoma neurótico o facto de resultar de uma *formação de compromisso*², o acto perverso distingue-se fundamentalmente deste pela forma de gratificação sexualizada do impulso (através do orgasmo), fonte de prazer neste último e de sofrimento para o primeiro. Não se trataria de uma recusa da realidade *per se*, mas do

² Meio pelo qual o recalçado irrompe na consciência sem ser reconhecido como tal (Paixão, 2002a).

significado dessa realidade, permitindo essa distorção criar uma ilusão de aceitação da mesma na mente do perverso e eliminar a necessidade de conhecer o seu verdadeiro significado (Bonner, 2006).

Contudo, é importante lembrar que a ambição de Freud na obra supracitada não era construir uma teoria das perversões clínicas, mas sim demonstrar a existência da sexualidade infantil, sendo a teorização em volta da perversão essencialmente um sustentáculo para essa demonstração (Matos, 1995; Pirlot & Pedinielli, 2006). A sexualidade infantil era, segundo o autor, formada por pulsões sexuais parciais que se ligavam a partes do corpo (*zonas erógenas*) fornecendo-lhes uma direcção ou fim, e obedeciam a estádios de desenvolvimento: oral, anal, fálico, genital. Deste modo, as pulsões sexuais parciais coexistiam e até se interferiam mutuamente, porém não eram unificadas, isto é, não visavam nem o objecto sexual na sua totalidade nem a união genital. É neste sentido que o autor entende a sexualidade infantil como “perversa polimorfa” e que afirma existir uma continuidade entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta, bem como entre as práticas sexuais perversas e não perversas (Matos, 1995). Estas últimas estariam ligadas, no seu entender, através da sexualidade infantil, que constitui a base comum de ambas (Pirlot & Pedinielli, 2006).

A sexualidade perversa era assim encarada por Freud como um “acto parcial” levado a cabo num objecto parcial, e por isso semelhante à sexualidade infantil. Organiza-se de forma pré-genital uma vez que o indivíduo, incapaz de resolver o *Complexo de Édipo* e de suportar uma angústia de castração colossal, regressaria a este período de experiências primárias de prazer através da *fixação*³ ou da *regressão*⁴.

Segundo Matos (1995), mais tarde em 1927, aquando do *Ensaio sobre o fetichismo*, a teoria freudiana expressa uma dimensão nova. A perversão deixa de ser entendida somente à luz da neurose (como seu oposto), uma vez que para além da negação da castração (da diferença dos sexos) é descoberto um mecanismo de clivagem do Eu que marca fundamentalmente estes indivíduos. Este consiste num processo defensivo que lhes permite *denegar*⁵ a realidade e suportar a coexistência de duas ideias contrárias que causam dor e sofrimento, sendo este um mecanismo de defesa próprio da estrutura psicótica. É neste contexto que o postulado de Freud anteriormente referido é reformulado pelo seguinte: «a perversão não é já o “positivo” da neurose mas o negativo (numa defesa contra) da psicose» (Matos, 1995, p.140), e também que se descobre a aproximação entre a perversão e a psicose,

³ Ocorre quando a conduta perversa se traduz num procedimento mais ou menos persistente e habitual e consiste num modo de inscrição de alguns conteúdos representativos (experiências, imagos, fantasmas) que persistem no inconsciente de modo inalterado e aos quais a pulsão permanece ligada (Matos, 1995; Paixão, 2002a).

⁴ Acontece quando a conduta perversa surge como uma ruptura relativamente à anterior adaptação sexual e significa um retrocesso a sistemas primitivos de prazer (Matos, 1995; Paixão, 2002a).

⁵ Este processo é aqui entendido como uma defesa maníaca (relacionada com o mecanismo de clivagem do Eu e do objecto que caracteriza o funcionamento perverso) em que uma primeira negação da realidade é negada num segundo momento através do acto ou da relação de objecto (Matos, 1995).

remetendo a sua génese para estádios mais precoces do desenvolvimento psicosexual.

Deste modo, o acto perverso seria uma solução contra a psicose e, no limite, contra a morte, na medida em que procura reparar as falhas, rupturas e buracos que ocorreram no desenvolvimento do sentido da realidade (*idem*). Consiste numa anomalia da relação objectal, mais que uma anomalia da pulsão sexual, em que o indivíduo exerce através desses actos uma «pulsão de dominação⁶ não sexual, arcaica, próxima da necessidade de apoio e que só secundariamente se une à sexualidade» (Pirlot & Pedinielli, 2006, p.29) para suportar a dor, a realidade, e assim sobreviver psiquicamente. A sua incapacidade não se confina à dificuldade em reunir as pulsões parciais sob o primado genital, tal como Freud afirmava primeiramente, consiste fundamentalmente na incapacidade em reunificar os objectos parciais num objecto total. No dizer de Bak (citado em Socarides, 1988, p.40) a propósito de um caso de fetichismo, «a ameaça da separação da mãe é vivida como um perigo igual, se não maior, que a perda do pénis».

O funcionamento dinâmico e económico das perversões sexuais

Deste modo, pressupondo que existe uma base comum para todas as perversões, questiona-se sobre que aspectos reuniria. Socarides (1988) defende uma teoria causal pré-edipiana da perversão, apresentando na sua obra um quadro explicativo, cuja adaptação é aqui apresentada no anexo I, em que tenta explicar o funcionamento das perversões, o qual tomaremos seguidamente como referência. Para introduzir a sua perspectiva começaremos por expor os três pilares em que esta assenta, para depois os explorarmos com mais atenção. Em primeiro lugar, defende a existência de um processo de fixação nos primeiros três anos de vida, mais especificamente na fase de *separação-individação*⁷. Descreve também a ocorrência de um distúrbio precoce na formação da *identidade de género*⁸ e, por último, apoia-se na *teoria da sincronicidade* de Spitz (1959) para explicar a maturação e o desenvolvimento psicológico.

Para explicar o seu primeiro pilar Socarides recorre à teoria da separação-individação de Mahler e seus colaboradores. Este defende existir uma fixação no período final deste processo, na sub-fase de *rapprochement* ou de *differentiating-practicing* (Socarides, 1988). Segundo o mesmo, a figura materna surge como uma figura perigosa e assustadora que, por um lado ameaça o bebé através da falha de prestação de cuidados e de amor e, por outro, entrava o processo de separação porquanto luta contra ele

⁶ Segundo Freud (1905a, citado em Pirlot & Pedinielli, 2006), esta pulsão seria independente da sexualidade e anterior à própria libido sexual. Constitua um meio de defesa do narcisismo e o único aspecto do seu ódio pelo objecto, sendo que perante ferozes angústias narcísicas esta assume um papel fundamental em assegurar a função de controlo do objecto.

⁷ Refere-se a um processo intrapsíquico, desenvolvimental e gradual de separação do self do bebé relativamente à sua mãe, e ao início da construção de uma identidade individual para o mesmo (Socarides, 1988).

⁸ Diz respeito ao sentimento individual de se ser masculino ou feminino em concordância com o sexo anatómico (Socarides, 1988).

consciente e inconscientemente, conduzindo esta imagem interna a uma ruptura ou cisão do ego da criança.

Relativamente aos distúrbios na formação da identidade de género, estes resultam de perturbações na construção da identidade, no sentido geral (Socarides, 1988). Esta construção faz-se, segundo Socarides, em dois níveis: o primeiro refere-se à consciência de ser uma entidade individual e separada; enquanto o segundo diz respeito ao começo da construção da identidade de género. No dizer de Edgcumbe e Burgner (citado em Socarides, 1988), «o processo de aquisição de uma identidade sexual diferenciada assenta grandemente na capacidade da criança para se identificar com o pai do mesmo sexo». Se esta tarefa é intrincada por uma identificação primária com a «mãe pré-edipiana todo-poderosa» (*idem*, p.45), poderão surgir defesas patológicas primárias e agressivas, assim como uma confusão ou difusão da identidade de género.

Por último, a teoria de Spitz afirma existir uma sincronicidade entre um determinado momento de desenvolvimento psíquico e as condições maturativas favoráveis ao seu estabelecimento (Spitz, 1959, citado em Socarides, 1988)⁹. Socarides extrapola esta lógica para o problema do desenvolvimento precoce do desvio sexual. Segundo ele, ao falhar a separação da mãe no devido estágio de desenvolvimento, o perverso depara-se com um ponto de fixação e uma estimulação crónica intrapsíquica aos quais fica preso (pese embora outras fases de desenvolvimento-maturação que possa ter ultrapassado com sucesso). Sendo esta fase crucial para a construção da identidade, estes indivíduos serão incapazes de estabelecer uma identidade individual e separada da figura materna, subsistindo um desejo de manter esta identificação primária com a mesma. Além de uma profunda ameaça à identidade, emergiria daqui um grande medo de ser engolido e aniquilado pela mãe, medo esse que será cristalizado e mais tarde atualizado no período edipiano através da angústia de castração.

Voltando ao quadro explicativo atrás mencionado, verifica-se que os quatro primeiros pontos se inserem nos três pilares base acima explanados, pelo que não serão novamente analisados. Antes da passagem à etapa edipiana, um período de “atualização” nas palavras de Socarides, este coloca as chamadas *experiências organizativas*¹⁰ que conduzem à escolha do tipo de perversão (Socarides, 1988). Estas experiências teriam lugar num período vulnerável do desenvolvimento psicosexual, no contexto de um distúrbio na formação do ego, e levariam o indivíduo a aceitar um determinado aspecto da sexualidade polimorfa infantil em detrimento dos outros. Esse aspecto seria posteriormente reprimido, permitindo uma

⁹ Spitz oferece como ilustração da sua *teoria da sincronicidade* o exemplo de uma criança que não deseja andar quando a maturação dos nervos dos membros inferiores do corpo lho permite, concluindo que mais tarde ela pode ter problemas em caminhar, ou mesmo estar de pé, sem apoio.

¹⁰ Dizem respeito àquelas actividades sexuais precoces, frequentemente de natureza traumática, que além de proporcionarem excitação genital, oferecem um sentimento inicial de coesão do self e um modo de relação com o mundo interno e os objectos externos.

redução das ansiedades mais profundas e primárias¹¹.

Comum a todas as perversões está, como condição central, o temor em ser engolido, absorvido e, no limite, aniquilado pela mãe fálica e onnipotente, assim como a impossibilidade de se separar dela. A este segue-se, olhando o esquema do autor, uma falha tanto no desenvolvimento das representações objectais, como numa adequada separação do self e do objecto. Estas assumem, por fim, uma função reaseguradora, reafirmativa e de “libertação”, permitindo a obtenção da gratificação da tensão através do aparato sensorio-perceptivo.

A multiplicidade do conceito

É deste modo, no âmbito das perversões sexuais, que chegamos ao conceito de pedofilia, objectivo primário deste capítulo.

Este é entendido pelo *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – quarta edição* (DSM-IV), publicado pela Associação Psiquiatra de Americanos (APA), como pertencendo às *Parafilias*, estando estas, por sua vez, dentro dos *Transtornos sexuais e da identidade de género*. Tem as seguintes alíneas como critérios diagnósticos:

302.2. Pedofilia [F65.4]

A. Fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos, recorrentes e intensos, durante um período de pelo menos 6 meses, implicando actividade sexual com uma criança ou crianças na pré-adolescência (geralmente com 13 anos ou menos).

B. A pessoa actuou debaixo destes impulsos, ou os impulsos sexuais ou fantasias provocam mal-estar clinicamente significativo ou dificuldades interpessoais.

C. A pessoa tem pelo menos 16 anos e é pelo menos 5 anos mais velha do que a criança ou crianças do Critério A.

Nota: não incluir um sujeito na adolescência tardia envolvido num relacionamento sexual com uma criança de 12 ou 13 anos.

Especificar se:

- Sexualmente Atraído pelo Sexo Masculino
- Sexualmente Atraído pelo Sexo Feminino
- Sexualmente Atraído por Ambos os Sexos

Especificar se:

- Limitada ao Incesto

Especificar se:

- Tipo Exclusivo (atraído apenas por crianças)
- Tipo Não Exclusivo

Por sua vez, a *Classificação Internacional de Doenças, décima edição*, (CID-10), proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS),

¹¹ O autor alerta também para os casos em que surgem flutuações entre várias formas de perversão, ou em que se cruzam múltiplas perversões. Argumenta que nessas situações uma só prática perversa é insuficiente para manter o equilíbrio mental, podendo isto ser explicado pela presença de um processo esquizofrénico, pela impossibilidade de clivar o ego do objecto, ou mesmo pela acção do superego que se opõe assim à actividade perversa.

situa a pedofilia nas chamadas *Perturbações da preferência sexual* que, a seu turno, se integram na categoria das *Perturbações do comportamento e da personalidade do adulto*. Descreve-a da seguinte forma: «Preferência sexual por crianças em idade pré-púbere (ou no início da puberdade), quer se trate de rapazes, de raparigas ou dos dois».

São várias as obras em que este fenómeno psicopatológico é explicado de forma puramente descritiva, tomando-se nesses casos «o sintoma como foco da definição do quadro» (Paixão, 2002a, p.51). Para além dos manuais de classificação supracitados, também autores como Gomes & Coelho (2003), Seto (2004), Cooper (2005), Kaplan & Sadock (1990, citado em Trindade & Breier, 2007) e Martins (citado em Trindade & Breier, 2007), entre outros, definem o termo com base nesta perspectiva algo superficial. Na generalidade dos casos tomam-se apenas em conta factores como: (a) a preferência sexual por menores; (b) a exclusividade versus não exclusividade dessa preferência sexual; (c) a idade da vítima («com 13 anos ou menos», DSM-IV) e do pedófilo («pelo menos 16 anos e é pelo menos 5 anos mais velha do que a criança», DSM-IV); (d) a assimetria das idades entre a vítima e o pedófilo; (e) a existência de uma relação de poder ou de controlo entre ambos; (f) a presença e recorrência de fantasias sexuais com menores; (g) o tipo de contacto que mantém (físico ou não físico); (h) o tipo de actividades que abarca como olhar, despir, expor-se, acariciar, masturbar-se na sua presença, penetrar (Martins, citado em Trindade & Breier, 2007); (i) o mal-estar e as dificuldades interpessoais que estas fantasias, actividades ou necessidades sexuais produzem no pedófilo, entre outros, para explicar um fenómeno que é individual, intrapsíquico e complexo.

Desta forma faz-se tábua rasa do indivíduo, isto é, esquece-se a sua individualidade, o seu desenvolvimento e, fundamentalmente, a sua estrutura psíquica, quando o que se pretende é precisamente alcançar um maior e mais profundo conhecimento desta. Nas palavras de Socarides (2004, p.10), «O diagnóstico de pedofilia pode ser feito somente após um rigoroso estudo da história sexual do paciente e das fases desenvolvimentais que atravessou».

Sob um ponto de vista estrutural, «o sintoma é apenas um epifenómeno sem relações causais lineares com a organização do psiquismo» (Paixão, 2002a, p.51), podendo assumir diferentes significados e funções em diferentes indivíduos, que ganham compreensibilidade à luz da organização interna dos mesmos. É neste contexto que se enquadra a *Classificação Francesa das Perturbações Mentais da Criança e do Adolescente* (C.F.P.M.C.A.) de natureza mais estrutural e, dentro desta, a *Pedofilia* enquanto *Patologia da Personalidade* (3ª categoria clínica de base nesta classificação):

3.03 Organização do tipo perverso

Classificar aqui as perturbações onde predominam as práticas sexuais desviantes e/ou os comportamentos destrutivos sem culpabilidade, sem angústia, sem tomar em consideração o outro. Incluir: pedofilia, zoofilia, travestismo, etc. Excluir: os casos onde estas condutas pertencem a uma patologia mental classificável nas outras formas de patologia da personalidade como as psicoses ou as neuroses (Paixão, 2002a, p.74).

Tipologias sobre a pedofilia

Socarides (1988, 2004) refere que a pedofilia é uma das nove formas que a perversão sexual pode tomar¹² dividindo-a, tal como Masi (2007), entre outros, em duas formas: *estruturada* e a *ocasional*, ou *situacional*. Para este último autor, a forma estruturada corresponde a uma perturbação em que as crianças e os adolescentes são o objecto sexual exclusivo. Socarides intitula-os de «verdadeiro pedófilos» (2004, p.9) e refere que estes usam o acto perverso não só para atingir gratificação sexual (sendo esse a única via para a obter), mas fundamentalmente como forma de aliviar conflitos inconscientes que produzem uma ansiedade intensa. Quanto à outra forma, a ocasional ou situacional, o autor refere tratar-se de uma variante não clínica das perversões sexuais, preferindo denominá-la de *Comportamentos pedófilos*¹³. Defende que estes são actos transitórios, não estereotipados, e que não constituem a única via para o indivíduo obter gratificação sexual. Masi (2007), por sua vez, refere que esses indivíduos logram a viver uma vida aparentemente normal, mantendo relações sexuais também com adultos, apesar de possuírem igualmente algum grau de consciência e culpabilidade sobre os actos pedófilos.

Para além desta divisão elementar, os mesmos autores e também Pirlot e Pedinielli (2006) apontam várias outras categorias dentro desta perturbação. Começando por Masi (2007), este subdivide a forma estruturada da pedofilia em duas categorias: a *romântica*¹⁴ e a *cínica*¹⁵, defendendo que ainda que o acto sexual pedófilo seja sempre um abuso, os pedófilos românticos mostram usualmente preocupações altruístas ou habilidades educativas e criativas na sua relação com as crianças. Pirlot e Pedinielli (2006, p.98) referem igualmente a existência, no plano clínico, de dois pólos no que diz respeito à pedofilia: o *sádico*¹⁶ e o *carinhoso*¹⁷, o que

¹² As restantes oito são o travestismo, o transsexualismo, a homossexualidade, o exibicionismo, o masoquismo sexual, o sadismo sexual, o voyeurismo e, por último, o fetichismo.

¹³ Afirma que estes se caracterizam por: (1) uma inacessibilidade física/ambiental a parceiros adultos do sexo oposto; (2) comportamentos conscientemente motivados; (3) os actos pedófilos não serem induzidos pelo medo/temor, mas surgirem de uma escolha e deliberação consciente; (4) a habilidade para funcionar com um parceiro adulto do sexo oposto; (5) um padrão sexual flexível que permite ao indivíduo voltar à parceiros adultos do sexo oposto quando estes estão disponíveis.

¹⁴ É marcada pela figura erotizada e idealizada da criança. O mundo do pedófilo “romântico”, segundo o autor, gira em torno da criança, tanto no que diz respeito ao seu afecto como às suas fantasias eróticas, sendo o objecto sexual mais frequentemente um adolescente que uma criança. Refere a título de exemplo o escritor James Barrie, autor de *Peter Pan*, ou Lewis Carroll, que escreveu *Alice no País das Maravilhas*.

¹⁵ É descrita como tendo por base uma fantasia sádica em que a excitação só será atingida quando o indivíduo se imagina a maltratar e a ser violento com a criança. Esta representa um objecto submisso, instrumentalizado e frágil

¹⁶ Seria um indivíduo que maltrata, um castigador e um assassino, «do qual não se sabe se a sua destrutividade é de natureza sexual ou tem que ver com as “pulsões de morte” “desobjectalizantes” e violentas» (Pirlot & Pedinielli, 2006, p.98).

vai de encontro à perspectiva de Masi anteriormente explanada. Socarides (2004), por sua vez, classifica a pedofilia nas seguintes grandes categorias: *pedofilia edipiana*; *pedofilia pré-edipiana* (tipo I e tipo II) e *pedofilia-esquizofrénica*, que serão descritas mais à frente.

Com esta classificação, Socarides sugere que o mesmo fenómeno (a pedofilia neste caso particular) pode assumir diferentes estruturas em distintos indivíduos. De facto, também Pirlot e Pedinielli defendem esta ideia afirmando que «não é certo que todos os perversos sejam de estrutura perversa: os neuróticos e os psicóticos podem ser também perversos» (2006, p.99). Deste modo, para atingir um maior entendimento do fenómeno (suas limitações e gravidade), planejar o decorrer do tratamento psicoterapêutico e, finalmente, poder efectuar um prognóstico é essencial que se determine com qual tipo de pedofilia se está a lidar.

Socarides, na sua obra de 1988, oferece uma compreensão psicodinâmica para cada uma das nove perversões supramencionadas através da explicação daquela que crê ser a função, a motivação psicosexual, assim como a escolha ou finalidade do objecto sexual em cada uma delas. No que diz respeito à pedofilia, este aponta como principais funções: (a) alcançar o estatuto de criança «amada» e também de mãe «amando» (dedicada), sem ter de abrir mão do seu pénis; (b) descarregar e aliviar a agressividade desintegrativa; (c) defender-se de e reduzir a angústia de castração; (d) e, por fim, diminuir a ansiedade de separação. Relativamente às motivações psicosexuais específicas desta perversão, encontra-se (a) o desejo orgástico; (b) a ânsia por e o desejo em se transformar no objecto amado, a criança amada, através da incorporação do bom objecto no self (clivagem do objecto); (c) a manutenção das relações com os objectos; (d) e, finalmente, a preservação do self através de uma relação fusional. Por último, quanto à escolha ou finalidade do objecto sexual, esta recai sobre crianças pré-púberes. Ainda segundo o autor, se o objecto sexual for uma criança do sexo masculino, esta simboliza a representação ideal do self do pedófilo (pedofilia homossexual), no caso de se tratar de uma rapariga, esta representará o medo em ser “engolido” pela mãe fálica e onnipotente, apesar deste ser ligeiramente atenuado pela ausência de pêlo púbico (pedofilia heterossexual).

Este defende que o “verdadeiro pedófilo”, como foi já referido anteriormente, é «aquele que por uma necessidade interna é obrigado a manter relações sexuais com uma criança pré-púbere (antes do aparecimento dos caracteres sexuais secundários) de forma a alcançar a gratificação sexual e obter alívio de conflitos inconscientes» (Socarides, 2004, p.10).

¹⁷ É visto como um “sedutor e quase maternante”, não violento, onde se encontra uma «falta de maturação sexual, uma depressão narcísica subjacente e uma fixação a experiências sexuais infantis» (idem).

2. Pedofilia e Abuso Sexual de Menores

Dois conceitos, duas realidades

Apesar de utilizadas com frequência indiferenciadamente, são noções distintas que dizem respeito a diferentes realidades. Nas palavras de Gomes & Coelho (2003, p.22) «separar os abusadores em “pedófilos” e “não pedófilos”. . . tem vantagens, para compreender o fenómeno e preveni-lo, para o tratamento . . . e para o prognóstico».

Neste contexto é legítimo, pela confusão conceptual existente neste campo e o seu uso repetido e indiscriminado, trazer à discussão as diferenças e também os pontos em comum entre ambos os conceitos. Poder-se-ão colocar muitas questões, entre elas, será que a pedofilia *per se* constitui um abuso sexual de menores? Serão todos os casos de abuso sexual de menores perpetrados por pedófilos? Estas questões correspondem a alguns dos muitos “mitos” que surgem a respeito deste fenómeno e, tal como a grande maioria deles, a ideias equivocadas. Seto (1999), numa revisão à obra de Howitt intitulada *Paedophiles and Sexual Offences Against Children* (1995), dirige-lhe uma crítica precisamente pela confusão que cria ao definir pedofilia como «um nome genérico para os ofensores sexuais de menores». Afirma que o termo deve ser reservado para a preferência por crianças pré-púberes, afirmando que alguns abusadores sexuais de crianças não são pedófilos, assim como alguns pedófilos podem nunca ter agido de acordo com a sua preferência. Também Almeida (2003) se insurge contra esta indistinção entre os dois conceitos. Afirma que uma agressão sexual contra um menor constitui um acto criminal, penalizado por lei, e que pode ou não ser um acto pedófilo, da mesma forma que um pedófilo é alguém que possui uma «preferência sexual anómala, descrita nos manuais de diagnóstico psicopatológico» (p.17), mas que poderá nunca vir a ser um ofensor sexual se não ceder aos seus impulsos.

Parecem ser duas noções distintas que dizem respeito a diferentes práticas, sendo que o abuso sexual pode, ou não, abranger a pedofilia em determinados casos. Deste modo, é importante conhecer o significado e alcance desta forma de abuso infantil.

O conceito de abuso sexual de menores

São vários os autores (Almeida, 2003; Fávero, 2003; Gomes & Coelho, 2003; Pritchard, 2004) que afirmam não existir uma definição única e universal de abuso sexual de menores. De facto, quer pela (a) subjectividade dos julgamentos inerente às diferenças culturais e sociais dos intervenientes e observadores; (b) pela falta de critérios objectivos (sinais e sintomas), ou ambiguidade dos mesmos; (c) ou pelas divergências não somente entre profissionais e não profissionais, mas também entre diferentes grupos de profissionais, tem sido difícil extrair conclusões e fazer comparações entre os estudos sobre este assunto e, conseqüentemente, chegar a um consenso quanto à definição e compreensão do mesmo. Usando as palavras de Fávero (2003, p.61), «sobre o conceito de abusos sexuais a menores há apenas um consenso: o de que não há consenso».

Trata-se de um fenómeno mutável, complexo e multivariado que não deve ser encarado de uma forma linear. Neste contexto, Almeida (2003) refere que a investigação tem vindo a afastar-se da procura de uma categoria única de abuso sexual, focando-se cada vez mais, segundo a autora, no impacto destas experiências nas vítimas durante a infância (ainda crianças), mas também no futuro, enquanto adultas.

Quanto a definições mais precisas, encontra-se nomeadamente a do National Center of Child Abuse and Neglect (NCCAN-1978), segundo a qual o abuso sexual infantil acontece quando:

estamos na presença de contactos e interações entre uma criança e um adulto, e o adulto—o abusador—utiliza a criança para se estimular sexualmente a ele próprio, à criança ou a outra pessoa. Considera-se ainda que se trata de abuso sexual mesmo que o abusador não seja adulto. O abuso pode ser cometido por um menor de dezoito anos, desde que significativamente mais velho do que a criança, ou desde que tenha poder ou controlo sobre ela. (Gomes & Coelho, 2003, p. 21)

Alberto (2006) e também Fávero (2003), por sua vez, cruzam esta definição com a de outros autores e oferecem a sua própria visão do fenómeno. A primeira autora cita, para além do NCCAN, Giarretto (1982); Browne e Finkelhor (1986); Elwell e Ephross (1987) e Clark e Clark (1989), apresentando a seguinte definição do conceito:

qualquer experiência sexual, forçada ou não, que vai de formas mais passivas, como a exibição de pornografia, até à relação sexual (genital, anal ou oral), passando pelo recurso à criança para produção de pornografia infantil, que pode num presente imediato ou num futuro mais longínquo, provocar trauma e dificuldades de desenvolvimento na criança. (Alberto, 2006, p.58)

Fávero serve-se dos critérios da NCCAN e de López (1995) para elaborar a sua noção de abuso sexual infantil, assente nos conceitos de assimetria de idade e coerção, seguidamente exposta «quando uma pessoa adulta ou menor de dezoito anos, independentemente do meio que utiliza, tem comportamentos sexuais com um menor» (Fávero, 2003, p.77). Quando fala de comportamentos sexuais é importante salientar que a autora se refere tanto aos contactos físicos (sexo anal, vaginal ou oral; exibicionismo; introdução do dedo na vagina ou ânus...), como à exploração sexual dos menores (produção de pornografia; prostituição infantil e obrigar o menor a assistir a actividades sexuais de outras pessoas).

Efectivamente, a maioria das definições de abuso sexual infantil fazem referência a este tipo de categorias. Também autores como Schechter & Roberge, 1976; Finkelhor, 1984; Baker & Duncan, 1985; Krugman & Jones, 1987; Glaser & Frosh, 1988; La Fontaine, 1990, entre outros, assentam as suas explicações do fenómeno em factores como: (a) o envolvimento de um adulto em actividade sexual com um menor, sendo a finalidade deste a gratificação sexual da pessoa sexualmente madura; (b) a acção é perpetrada por um adulto ou por um adolescente ou criança (este último tem algum tipo de controlo ou poder sobre a vítima); (c) a vítima é

uma pessoa dependente, isto é, alguém incapaz de dar consentimento consciente pois não tem ainda noção do verdadeiro significado de tais actividades; (d) estas actividades dizem respeito tanto ao contacto físico como ao contacto não físico, entre outros. É possível concluir que não existe realmente uma definição genérica para este fenómeno, sendo vasto o espectro de concepções que recai sobre o mesmo. Tomando as palavras de Glaser & Frosh (1988, p. 86), «a dependência é um elemento que define necessariamente a infância, e as crianças têm o direito de a viver com confiança», logo, tudo o que desrespeite este direito poderá ser olhada como um abuso.

3. Concepções sobre a pedofilia

A pluralidade de concepções

Segue-se uma exposição das concepções que surgem com maior frequência e sistematização na literatura para compreender este fenómeno. Estas hipóteses, as que serão aqui apresentadas, pertencem apenas à área da psicologia fundamentalmente pela definição de pedófilo que é adoptada e defendida neste trabalho. Trata-se da perspectiva de Socarides anteriormente explanada, segundo a qual o «verdadeiro pedófilo» (Socarides, 2004, p.9) é aquele para quem o acto perverso constitui uma necessidade interna, quer para atingir a gratificação sexual, quer para alcançar o alívio da ansiedade provocada pelos conflitos inconscientes (Socarides, 1988, 2004). Estes correspondem às «verdadeiras perversões» (Socarides, 1988, p.60) e, como tal, a uma perturbação psicopatológica, ao contrário dos comportamentos pedófilos intitulados pelo autor como formas não-clínicas da perversão sexual.

Deste modo, enquanto que a última forma, a ocasional ou situacional, poderá ser entendida através de outras áreas do conhecimento (a sociologia, por exemplo), na forma estruturada pretende-se «procurar a unidade dos movimentos internos ao longo do desenvolvimento do psiquismo» (Balier, 1993, citado em Matos, 1995, p.162) para alcançar uma maior compreensão do mesmo, sendo esta a aspiração da psicologia.

Dentro das teorias ou concepções psicológicas que se debruçam sobre o tema, são várias as que explicam este fenómeno de uma forma demasiado simplista. Por um lado, encontram-se explicações puramente descritivas que pouco ampliam o conhecimento sobre este assunto, por outro, surgem aquelas que oferecem uma compreensão mais profunda do mesmo, mas que se centram somente num factor para o explicar ou que não tomam em conta a sua especificidade. Será com estas que a supradita exposição terá início, seguindo depois para concepções mais integradoras e abrangentes.

Neste primeiro grupo encontra-se, por exemplo, o modelo dos quatro factores de Araji e Finkelhor (1986) que pretende explicar a pedofilia com base nos seguintes componentes: (a) desvio na congruência emocional; (b) desvio no impulso sexual; (c) desinibição; (d) e bloqueio. Além de parecer tratar-se de uma explicação sobre o abuso sexual de menores, e não da pedofilia *per se* (Seto, 2004), a argumentação usada apenas descreve cada uma das categorias e, em alguns casos, encaminha para outros modelos, sem

nunca apresentar um ponto que as una ou procurar explicar o porquê do fenómeno. O ciclo vítima-abusador é um dos modelos mencionados, usado nesse contexto para explicar o suposto desvio na congruência emocional destes indivíduos. Enquanto concepção sobre a pedofilia, este defende existir uma relação estreita e até mesmo causal entre o facto de ter sido vítima de abuso sexual, enquanto criança, e o de ser, no futuro, um abusador sexual ou pedófilo (Glasser et al., 2001). São muitas as teorias que tentam explicar este ciclo, umas defendem existir um tipo de condicionamento e fixação à relação abusiva, enquanto outras dizem tratar-se de uma actualização da experiência traumática passiva em activa (*idem*). Contudo, nenhuma delas parece estar de acordo com a noção de causalidade segundo a qual estas experiências precoces de abuso teriam de ser uma condição não só necessária, mas suficiente para explicar este fenómeno.

Outras concepções, como foi dito anteriormente, cingem-se a apenas uma variável de entre as múltiplas que contribuem para a explicação da pedofilia, não atendendo por vezes à sua especificidade. Neste conjunto encontram-se os modelos que apontam as disfunções familiares, quer na forma de ausência, frieza, maus-tratos ou perda parental, como factor que permite, por si só, explicar e prever a pedofilia (Bolton et al, citado em Glasser et al, 2001; Garland & Dougher, citado em Glasser et al, 2001). Também a hipótese de um traumatismo infantil específico (Bouchet-Kervalla, 1996, citado em Pirlot & Pedinielli, 2006), causado por determinadas carências libidinais do ambiente familiar primário, segue este padrão.

Na teoria psicanalítica, a escolha de um objecto sexual imaturo (Freud, 1905) foi inicialmente entendida por Freud e os seus seguidores como o resultado de um sofrimento intrapsíquico causado por um trauma, desejos incestuosos, impotência e por eventuais distorções psíquicas que daí poderiam advir (Mohr, Turner & Jerry, 1964, citado em Juda, 1986/2004). Era, por outras palavras, explicada através da não resolução do Complexo de Édipo e da ansiedade de castração, sendo a perversão entendida como o positivo da neurose, como foi referido e aclarado no capítulo introdutório deste trabalho. Mais tarde, Freud introduz um novo ponto de vista sobre as perversões sexuais ao descobrir a sua função defensiva (*idem*). A pedofilia passa assim a ser perspectivada como uma fuga à intensa ansiedade de castração, resultante da frustração de desejos libidinais infantis, e concretizada através de impulsos perversos sexuais¹⁸.

Contudo, muito se poderia acrescentar à noção «a neurose é por assim dizer o negativo da perversão» e a esta concepção sobre a pedofilia, em específico (Gillespie, 1956, citado em Juda, 1986/2004). Segundo esta autora, essas alterações passariam, nomeadamente, (a) por salientar a importância do papel do superego, das pulsões agressivas, dos instintos de

¹⁸ A mulher madura representava a figura materna, isto é, o objecto incestuoso e por isso ameaçador, pelo que o sujeito pedófilo procuraria evitar todo o contacto sexual com indivíduos maduros de qualquer um dos sexos. A criança, por sua vez, enquanto objecto sexual «substituto», representava o próprio pedófilo numa perspectiva narcísica, ou por outras palavras, como ele gostaria de ser: uma criança pequena (Hirning, citado em Juda, 1986/2004).

morte e das ansiedades relacionadas; (b) por reconhecer o lugar central ocupado pela ansiedade de castração, bem como a erotização enquanto defesa contra a ansiedade; (c) por destacar a função da negação, da clivagem do ego e do objecto neste processo defensivo; (d) e, por último, por entender a relação da perversão com a realidade e com a psicose (*idem*). Também outros autores referiam ser necessário introduzir novas noções psicanalíticas no âmbito da pedofilia, uma vez que o modelo neo-freudiano supramencionado revelou sérias limitações e provou ser estéril em gerar explicações adequadas para vários casos (Juda, 1986/2004).

Juda afirma ainda, com base noutros autores, que esta remodelação só seria possível devido aos avanços na teoria psicanalítica, na psicologia forense, e também na teoria da vinculação. Todas apoiavam e ressaltavam a importância das primeiras relações de objecto, de como estas eram subjectivamente vividas por cada sujeito, para a estruturação intrapsíquica e a formação do *self* (*idem*). Deste modo, esta mudança não viria a ocorrer somente no campo das perversões, e conseqüentemente da pedofilia, como e principalmente na forma de perceber o desenvolvimento e funcionamento do aparelho intrapsíquico.

O pedófilo passa a ser entendido como alguém que “utiliza” a criança enquanto tentativa desesperada de substituir os objectos arcaicos do *self* desadequados e destrutivos, não assumindo o aspecto sexual um papel central, ao contrário do que as actividades perversas ou até mesmo algumas hipóteses explicativas vulgarmente podem levar a pensar (*ibidem*). Este, o componente sexual, seria apenas um meio de protecção contra a ameaça da eminente fragmentação psíquica, enquanto a verdadeira motivação por detrás da pedofilia seria a necessidade de sobrevivência. Isto é, a necessidade de manter uma representação do *self* suficientemente coesa, estável e positiva, evitando assim a sua deterioração ou mesmo a sua desintegração (*ibidem*).

Contudo, é importante ressaltar que esta hipótese não é, nem pretende ser, uma verdade absoluta para todos os casos de pedofilia e que seria incorrecto apontar a (des)estruturação do *self* como único motivo e função da fantasia e actividade sexual perversa (Stolorow & Lachmann, 1980, citado em Juda, 1986/2004). Socarides (1988) defende e sublinha por várias vezes a ideia de que a mesma fenomenologia pode assumir diferentes estruturas em diferentes indivíduos ou, por outras palavras, que toda a psicopatologia é multideterminada e pode servir diferentes funções nos vários sujeitos. O mesmo autor conclui que o quadro clínico da actividade perversa *per se* não descreve necessariamente de forma correcta a origem do mecanismo responsável por esta, pelo que diz ser fundamental olhar cada caso de forma singular, estudando as suas especificidades.

É também neste âmbito que Socarides propõe um sistema classificativo para a homossexualidade, enquanto perversão sexual, dividindo-a e descrevendo-a segundo três formas: a edipiana, a pré-edipiana (tipo I e tipo II), e a esquizofrénica (Socarides, 1988). Acaba por estender esta classificação aos vários tipos de perversão, incluindo a pedofilia, com base num estudo clínico de orientação psicanalítica realizado ao longo de 30 anos com pacientes perversos. Esta análise assentava em três factores: (1) o

tipo de motivação (consciente/inconsciente); (2) o estágio de desenvolvimento em que o conflito surgiu; e (3) o grau de patologia presente nas relações de objecto internalizadas no paciente perverso (*idem*).

Relativamente à forma edipiana da pedofilia, Socarides relaciona-a com os comportamentos pedófilos, noção descrita anteriormente neste trabalho e que diz respeito à forma situacional ou não estruturada da pedofilia. Explica-a através de uma falha na resolução do Complexo de Édipo e a níveis elevados de ansiedade de castração ou, por outras palavras, defende tratar-se de um conflito estrutural entre o ego, o id, e o superego. Deste modo, o sintoma (acto perverso) parece não resultar de conflitos reprimidos, apesar de ser inconscientemente motivado, assim como parece não ter uma função restauradora e de sobrevivência, ao contrário do que acontece na forma pré-edipiana. Não se assiste, portanto, a uma fixação a níveis de desenvolvimento pré-edipianos, podendo contudo ocorrer uma regressão parcial a este período com o intuito de escapar aos conflitos edipianos (*ibidem*). A função do acto perverso é, segundo o autor, a de alcançar ao mesmo tempo o estatuto de criança “amada” e de mãe “amando”, sem ter de abrir mão do seu pénis (*ibidem*).

Para além deste acto ser inconscientemente motivado, como já foi referido, não tem um carácter obrigatório e o seu assomar é acompanhado por alguma ansiedade (*ibidem*). Como consequência, quase que invariavelmente, resultam sentimentos de vergonha e culpabilidade por essas acções, mesmo quando ocorrem “somente” em sonhos. Quanto à função do orgasmo, este parece desempenhar um papel semelhante ao que desempenha nos indivíduos neuróticos, ou mesmo nos indivíduos sem patologia, isto é, reforçar e consolidar a coesão do self (*ibidem*). No caso destes indivíduos em particular, o distúrbio na formação do ego coloca-os numa posição de maior necessidade em receber tal reforço. Os mecanismos de defesa a que recorrem com maior frequência são também, nas palavras de Socarides (1988, p.106), «semelhantes àqueles encontrados nos neuróticos», nomeadamente a repressão, o deslocamento, a identificação ao agressor, entre outros.

Por último, é de salientar que tanto as relações de objecto como outras funções do ego (o teste da realidade, o controlo dos impulsos, o conceito do self, os afectos e os próprios limites do ego) permanecem intactas e são dominadas pelo *princípio da realidade* nesta forma da pedofilia. As primeiras consistem numa relação desde um «self edipiano infantil e submisso» para um «pai edipiano dominante e proibitivo» (Kernberg, 1975, citado em Socarides, 1988, p.97).

Na forma pré-edipiana da pedofilia, segundo o mesmo autor, o conflito situa-se ao nível das relações de objecto e deve-se a uma falha no desenvolvimento ocorrida na fase de diferenciação entre o self e o objecto (i.e., no período pré-edipiano que vai dos 6 meses aos 3 anos) (Socarides, 1988). Daqui resulta uma intensa ansiedade associada (a) ao temor em ser “engolido” pela figura materna; (b) à angústia de dissolução e fragmentação do self; (c) à perda dos limites do self e do ego; (d) à intensa ansiedade de separação, entre outros mecanismos mentais primitivos que levam o indivíduo a agir através do acto pedófilo. Este tem de ser infinitamente

repetido de modo a assegurar a sobrevivência e equilíbrio psíquicos e caracteriza-se pelo seu carácter obrigatório, inflexível e estereotipado, produzindo a sua ausência uma ansiedade intolerável (*idem*).

Esta categoria é subdividida por Socarides em dois grupos: «Tipo I» e «Tipo II», mediante o grau de patologia presente nas relações de objecto internalizadas pelo indivíduo.

A forma pré-edipiana do tipo I, segundo o autor, assemelha-se à forma edipiana e tem origem em fases mais tardias do processo de separação-individuação, especificamente na fase de *rapprochement*. É a ansiedade de separação que predomina, estando os conflitos edipianos a obscurecer os conflitos pré-edipianos, mais importantes e profundos. Trata-se de um conflito internalizado e deve-se ao temor em perder o amor do objecto materno ou em se separar dele, servindo o acto perverso para diminuir o defeito do self e também estimulá-lo. Ao nível das relações de objecto e outras funções do ego, neste caso não existe um distúrbio severo em nenhum deles. As relações de objecto são narcísicas (o indivíduo ama o outro como gostaria de ser amado); o teste da realidade permanece geralmente intacto apesar de ser consciente ou inconscientemente ignorado para servir o princípio do prazer (Kolansky & Eisner, 1974, citado em Socarides, 1988); existe um controlo dos impulsos incompleto ou parcial que leva frequentemente ao *acting out* e à perseguição de gratificações imediatas (*idem*); o pensamento é, na grande maioria dos casos, claro e dominado pelo princípio do prazer, reflectindo as ansiedades projectadas pelo próprio sujeito. Por último, quanto aos mecanismos de defesa, a introjecção, a projecção e a identificação são os mais usados, prevalecendo a repressão sobre a clivagem.

A segunda categoria da forma pré-edipiana atribui-se, segundo Socarides, a uma fixação em fases mais precoces do processo de separação-individuação pelo que provoca maiores danos e representa a mais severa das duas. O conflito que lhe dá origem é externo e ocorre quando a coesão do self destes, fragilizada pelas interferências desenvolvimentais referidas, ao mesmo tempo que reforçada pela imagem interna de um self onipotente, arcaico e grandioso, se depara com situações que o tornam consciente da discrepância entre o seu self actual e o self grandioso desejado. Deste modo, o conflito edipiano servirá para defender o indivíduo contra ameaças mais profundas (pré-edipianas) e o acto pedófilo como procura de identidade e coesão para o self através de objectos externos, usados para colmatar as ansiedades de fragmentação e perda de coesão. Nas palavras de Kernberg (1975, citado em Socarides, 1988), «o investimento dos objectos enquanto representação da projecção do grandioso self do indivíduo é geralmente transitório e superficial, marcado por uma falta de empatia pelo objecto».

As relações de objecto, ou melhor, as relações narcísicas destes indivíduos são desde um self grandioso e patológico para o self, ou seja, o objecto é amado enquanto extensão do self grandioso e patológico do sujeito. Não existe controlo dos impulsos por parte do ego ou do superego, sendo as pulsões imediatamente agidas. Este facto, aliado à presença de um pensamento dominado pelo princípio do prazer, conduz a acções que negam a realidade sendo possível o aparecimento ocasional de pensamentos semi-

delirantes. A principal defesa usada por estes indivíduos é a clivagem, que neste caso predomina sobre a repressão (Socarides, 1988).

Para ambas as formas (tipo I e tipo II) o orgasmo assume uma função essencial de restauração do self, todavia, na mais grave destas (tipo II) esta capacidade é somente transitória, obrigando o sujeito a recorrer insistentemente e continuamente a contactos sexuais (*idem*). Socarides afirma que quanto maior a capacidade restauradora do orgasmo para o sujeito, mais difícil será remover o sintoma perverso. De igual forma, o *mecanismo de Sachs* (1923) desempenha também um papel muito importante em ambas uma vez que torna possível reprimir as partes da sexualidade infantil difíceis de serem pensadas, deixando apenas consciente no ego, e de um modo aceitável, o prazer pré-genital.

Relativamente à pedofilia esquizofrénica, por último, esta pressupõe a coexistência de duas perturbações: uma esquizofrenia e uma perversão sexual, sendo a última consequência da primeira (Socarides, 1988/2004). A sua origem atribui-se a uma fixação na fase simbiótica ou autística do desenvolvimento, tendo como função evitar a dissolução do self pela figura materna, ou a ameaça de fusão somatopsíquica com esta (*idem*). Ainda segundo o autor, são indivíduos que perderam os seus objectos internos e procuram colmatar este vazio ao criar novas relações de objecto, não existindo uma separação adequada entre self e objecto. Existe uma forte tendência a estados regressivos severos que ocorrerão em simultâneo com sintomas esquizofrénicos secundários, sendo o mecanismo de Sachs apenas parcialmente eficaz para esta categoria (*ibidem*). Por fim, Socarides salienta a importância que assume o tratamento da descompensação esquizofrénica para uma melhor compreensão do sintoma perverso nestes quadros psicopatológicos (Socarides, 1988).

III - Metodologia

3.1. Desenho de investigação

Sendo o principal objectivo desta dissertação estudar compreensivamente as características psicológicas do pedófilo e atendendo ao facto de se tratar de um estudo exploratório, assim como aos impedimentos em aceder a esta população, inerentes à imagem negativa que representam na nossa sociedade, empreendeu-se um *estudo de caso* ou um *plano postest sem grupo equivalente* (Campbell, citado em Moreira, 2007). Este procedimento de investigação consiste, como o próprio nome indica, num estudo compreensivo aprofundado e holístico de um caso, seja este um grupo, um indivíduo, uma comunidade, um acontecimento ou uma acção, entre outros (Bordon & Abbott, citado em Ribeiro, 2007; Moreira, 2007). No presente trabalho o estudo será realizado com apenas um indivíduo.

3.2. Amostra

Tal como foi dito anteriormente, este estudo contou com a participação de apenas um indivíduo. Este é um sujeito do sexo masculino que tinha à data da avaliação 37 anos. Encontra-se a cumprir uma pena por

crimes agravados de violação e de coacção grave no Estabelecimento Prisional de Coimbra (EPC), sendo a vítima à data destes crimes menor de idade.

A selecção foi feita, depois de concedida a autorização pela Direcção Geral dos Serviços Prisionais (DGSP) para a realização do estudo no EPC, presente no anexo II 1., com a ajuda da Dra. Isabel Sofia (Psicóloga no EPC) e do Dr. Cláudio Pedroso (Sub-director do EPC). Procedeu-se inicialmente à análise de uma listagem concedida pelo EPC dos reclusos a cumprir pena por crimes de natureza sexual, contando este primeiro processo com as informações cedidas pela Dra. Isabel Sofia e com o recurso aos processos do serviço de psicologia do EP relativos a alguns dos reclusos. Num segundo momento, já com um conjunto mais restrito de sujeitos passíveis de vir a participar neste estudo, foram consultados os processos jurídico-penais dos mesmos, procedimento igualmente autorizado pela DGSP e que pode ser lido no anexo II 2.. Pretendia-se com isto aclarar algumas questões e chegar a um grupo mais restrito de sujeitos (sete reclusos) a quem seria aleatoriamente explicada e proposta a sua participação. O sujeito em questão foi o primeiro a ser abordado, tendo desde logo concordado em participar.

3.3. Técnicas de recolha de dados

Os instrumentos utilizados para levar a cabo esta análise de caso foram o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2* (MMPI-2 – Hathaway & McKinley, 1940); o Teste de *Rorschach* (Rorschach, 1921) e, finalmente, a *Hare Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R – Hare, 1991). A escolha destas provas explica-se pela necessidade de obter uma visão aprofundada da estrutura e organização da personalidade do indivíduo, bem como da sua história de vida. Segue-se uma sucinta caracterização de cada um dos instrumentos usados.

3.3.1. Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2

Nas palavras de Rebocho (2007, p.100), este é «um dos instrumentos mais utilizados na prática clínica e forense dada a sua fiabilidade e robustez». A primeira versão do MMPI foi publicada em 1940 por Hathaway & McKinley. Quase três décadas depois, no 5.º *MMPI Symposium on Recent Developments in the Use of the MMPI*, falou-se pela primeira vez publicamente da necessidade de uma revisão desta versão, contudo, somente vinte anos depois, em 1989, viria a surgir o MMPI-2 pelas mãos de Butcher, Dahlstrom, Graham e cols (Butcher, 2005, Abril). Este é constituído por 567 itens que se agrupam em três diferentes tipos de escalas: (1) escalas clínicas (Hipocondria, Depressão, Histeria de Conversão, Desvio Psicopático, Masculinidade – Feminilidade, Paranóia, Psicastenia, Esquizofrenia, Hipomania e Introversão Social); (2) escalas de conteúdo (Ansiedade, Medos, Obsessão, Depressão, Preocupações com a Saúde, Pensamento Bizarro, Hostilidade, Cinismo, Condutas Anti-Sociais, Comportamento Tipo A, Baixa Auto-Estima, Mal-Estar Social, Problemas Familiares, Interferência Laboral e Indicadores Negativos de Tratamento); (3) escalas de validade (Dúvida, Mentira, Incoerência e Correção) (Rebocho, 2007). Trata-se de uma escala nominal em que o indivíduo deverá

assinalar “Verdadeiro” ou “Falso” na folha de registo para cada uma das questões. Estas são apresentadas num caderno de teste (*idem*). Posteriormente, as pontuações brutas de cada escala serão transformadas em *pontuações T*, possibilitando a realização de comparações entre as mesmas, a elaboração de um perfil e ulteriores interpretações.

No presente estudo em particular, e uma vez que não existem ainda valores normativos para o MMPI-2 relativos à população portuguesa, a interpretação dos resultados será qualitativa, isto é, serão observadas e descritas as escalas em que o sujeito pontua mais recorrendo às normas de cotação e interpretação para a população espanhola.

3.3.2. *Hare Psychopathy Checklist-Revised*

A primeira versão deste instrumento surgiu em 1980 pelas mãos de Hare com base no trabalho de Cleckley (1941/1976) sobre a psicopatia (Gonçalves, 1999). A versão revista (PCR-R) aparece em 1991 e é composta por vinte itens, menos dois que a versão anterior, avaliando o grau de psicopatia através de uma escala que vai desde os 0 aos 40 pontos, sendo 30 o ponto de corte que reúne maior consenso na literatura (*idem*). A cotação destes itens é baseada numa entrevista semi-estruturada e completada pelo recurso a ficheiros e processos institucionais do sujeito, podendo ainda haver uma troca de impressões com outros profissionais a respeito do mesmo (Rebocho, 2007). Quanto à estrutura factorial da prova, uma análise dos componentes principais para ambas as versões aponta para a existência de dois factores inter-relacionados ($r = .50$), o primeiro inclui oito itens e refere-se aos traços de personalidade geralmente aceites como clinicamente descritivos da síndrome e o segundo factor, englobando nove itens, reporta-se a um estilo de vida anti-social, havendo ainda três itens que não pertencem a nenhum dos factores (n.º. 11; n.º. 17; n.º. 20). Estes últimos contribuem para a caracterização geral da síndrome (Gonçalves, 1999; Rebocho, 2007).

Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento, segundo Gonçalves (1999, p.292), tanto a validade como a fidelidade das duas versões (PCL e PCL-R) «estão bem estabelecidas, augurando mesmo um futuro promissor em termos de generalização de resultados e extensão a outras realidades culturais para além da canadiana e norte-americana».

3.3.3. *Teste de Rorschach*

O teste de Rorschach foi publicado pela primeira vez em 1921 num trabalho monográfico intitulado *Psychodiagnostik* por Rorschach (Exner, 2001). Trata-se de uma prova que pretende avaliar a percepção, isto é, a forma como o sujeito se aproxima e organiza o seu ambiente circundante e não somente um teste projectivo de medida da personalidade. É a partir da análise dessa percepção (ou melhor, do que a pessoa vê, onde o vê, porquê ou a partir de quê o vê na mancha) que o técnico poderá construir hipóteses acerca da forma como a pessoa vê e organiza o mundo e, posteriormente, procurar relações entre estas inferências e características da personalidade do indivíduo. Este teste é constituído por 10 pranchas com manchas de tinta abstractas e simétricas. Estas são apresentadas uma por uma ao avaliado ao

mesmo tempo que lhe é perguntado “Diga-me o que esta mancha de tinta poderia ser”. Posteriormente proceder-se-á à fase de inquérito em que o avaliador procurará obter todos os elementos necessários para a interpretação. Esta deverá ser realizada a partir de cada cartão e não pelo conjunto dos dados. Relativamente a este tópico, existem diversos sistemas de cotação e interpretação para esta prova. Neste estudo será usado o *Sistema Integrativo* de Exner.

Quanto às características psicométricas desta prova, Meyer e Archer (2001) construíram uma meta-análise que incluiu tanto variáveis do sistema interpretativo supramencionado, como de outros (Gacono & Evans, 2008). Os autores concluíram que os coeficientes de validade para este teste eram idênticos àqueles encontrados noutros testes de personalidade (*idem*). No que diz respeito à fidelidade do instrumento, tanto a consistência interna como a consistência entre versões paralelas do instrumento são reduzidas ou, nas palavras dos autores, “inaplicáveis” (*ibidem*). A fidelidade teste-reteste situa-se, segundo os mesmos com base em vários estudos, entre o aceitável e o bom, enquanto a consistência entre avaliadores se encontra entre o bom e o excelente para esta prova (*ibidem*). Quanto à utilidade deste instrumento, por último, revisões bibliográficas e meta-análises realizadas neste âmbito demonstraram que o mesmo deveria ser mais usado na prática forense devido à tendência natural destes sujeitos em exagerar ou minimizar certas respostas, uma vez que os teste de auto-resposta são mais facilmente manipuláveis (*ibidem*).

3.4. Procedimento

A realização do presente estudo teve lugar no EPC e decorreu ao longo de quatro sessões com uma duração aproximada de duas horas cada, nos dias 29/07/2008, 31/07/2008 e 01/08/2008. Depois de ser solicitada a sua presença junto das autoridades responsáveis, o recluso (que de aqui em diante será designado por X) era encaminhado até uma zona onde se encontram alguns compartimentos com paredes de vidro, vigiados por um guarda do EPC, para uso dos diversos técnicos (professores, assistentes sociais, advogados, psicólogos) que aí fazem a sua intervenção com os reclusos.

Os dois compartimentos que usamos para o efeito estavam equipados com uma mesa grande, cadeiras que nos colocavam frente-a-frente (o que deveria ser evitado numa situação de avaliação), uma luz bastante forte e poucos estímulos visuais distractores (apenas um quadro e uma janela numa delas), apresentando somente uma falha no que diz respeito ao isolamento do ruído que por vezes dificultava a concentração do sujeito, já que era possível ouvir a conversa das pessoas da sala contigua. O primeiro encontro, na manhã do dia 29/07/2008 (sensivelmente das 10 às 12 horas), contou também com a presença da Dra. Isabel Sofia que fez as devidas apresentações e explicações relativamente aos objectivos e condições da investigação, abandonando depois a divisória. Este primeiro contacto cingiu-se à aplicação da prova MMPI-2. Num segundo momento, na manhã de 31/07/2008 (igualmente das 10 às 12 horas), teve lugar a aplicação da PCL-R que se prolongou para a tarde desse mesmo dia (15:30 às 17 horas). Por

último, a passagem do Rorschach decorreu na manhã do dia 01/08/2008 (sensivelmente das 10:30 às 11:15), após duas recusas por parte do recluso no dia anterior em responder a esta prova. É importante referir que todas as sessões foram agendadas mediante a disponibilidade do recluso (tal como era requerido pela DGSP), que os seus direitos foram sempre respeitados, e que o anonimato e a confidencialidade dos seus dados foram garantidos.

IV - Resultados

Para alcançar os objectivos anteriormente explicitados, isto é, analisar a estrutura da personalidade e a história de vida do sujeito tentando entendê-lo, e à sua psicopatologia (se existente) à luz da teoria de Socarides sobre a pedofilia, serão seguidamente apresentados os resultados das provas usadas pela ordem de aplicação.

4.1. *Minnesota Multiphasic Personality Inventory 2 (MMPI-2)*

Começando pelas escalas de validade, verifica-se, como é possível observar no quadro 4.1. e também no anexo III 1. (folha de perfil do sujeito), que o sujeito obtém uma pontuação T elevada na escala de mentira (L=67). Esta corresponde contudo, de acordo com as normas da população espanhola, a um perfil provavelmente válido (T 60-69) e aponta para um quadro defensivo ou atitude fortemente moralista e reservada na sua origem. No que diz respeito às escalas clínicas, destacam-se, por ordem crescente de pontuações T, a escala de paranóia (Pa=81), a escala de desvio psicopático (Pd=71), e a escala de depressão (D=68). A primeira delas sugere, segundo as normas anteriormente citadas, a presença de uma *psicose paranóide* (T>70), seguindo-se o resultado da escala Pd a apontar para problemas familiares, problemas com a lei e a autoridade, consumo de drogas ilegais, impulsividade, culpabilidade, vergonha, extroversão, relações superficiais, criatividade e energia (T 60-75). A pontuação da escala D poderá anunciar, ainda segundo as mesmas normas, uma depressão moderada, insatisfação com a vida, preocupação, ausência de energia, dificuldades de concentração, queixas somáticas, problemas de sono, introversão, falta de auto-confiança, auto-depreciação e disforia (T 60-70). Por último, verifica-se que as escalas de conteúdo não registam nenhum valor acima dos valores médios espanhóis, apresentando contudo alguns resultados T moderadamente elevados em quatro subescalas: Cinismo (CYN=64), Depressão (DEP=61), Ansiedade (ANX) e Pensamento Extravagante (BYZ), ambas com 60 pontos T.

Quadro 4.1.

Resultados Obtidos no M.M.P.I.-2 para os Três Conjuntos de Escalas e Pontuação Interrogante

Escalas	Subescalas	Pontuação Directa	Pontuação T
Validade	L	9	67
	F	11	56
	K	15	51
Clínicas	1.Hs	12	44
	2.D	31	68
	3.Hy	19	43
	4.Pd	34	71
	5.Mf	30	61
	6.Pa	22	81
	7.Pt	37	62
	8.Sc	38	59
	9.Ma	23	57
Conteúdo	0.Si	31	54
	ANX	13	60
	FRS	4	46
	OBS	2	39
	DEP	14	61
	HEA	4	42
	BIZ	7	60
	ANG	2	37
	CYN	18	64
	ASP	8	46
	TPA	6	41
	LSE	4	43
	SOD	6	46
	FAM	9	57
WRK	6	44	
TRT	6	47	
Pontuação Interrogante (?)		1	

4.2. Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R)

A PCL-R é não só uma entrevista estruturada, como um instrumento que avalia a presença e grau de psicopatia, tal como foi referido anteriormente. Enquanto medida da psicopatia, esta indica tratar-se de um indivíduo não-psicopata na medida em que o seu valor total não ultrapassa os 20 pontos, como é visível no quadro 4.2. (Gonçalves, 1999) e também na grelha de pontuação presente no anexo III 2.. Todavia, torna-se importante salientar a grande diferença de valores entre os dois factores anteriormente explicitados. Esta discrepância, em favor do factor 1, poderá apontar para a existência de traços de personalidade psicopáticos, ainda que perante a ausência de um estilo de vida anti-social (*idem*).

O material da entrevista será analisado aquando da discussão dos resultados, permitindo assim uma maior integração e compreensão dos resultados no sujeito e na sua história de vida.

4.3. Teste de *Rorschach*

Segundo Exner e Sendín (1995), antes de partir para a análise de um protocolo de Rorschach é essencial comprovar a sua validade, sendo um dos critérios de invalidez alcançar um número de respostas menor que 14 e um *Lambda* maior que 0.99. Observando o valor de *Lambda* no Quadro 4.3. ($L=2.40$) e tendo em conta o ponto de corte para este, supramencionado, poder-se-á concluir que se trata de um protocolo inválido, ainda que o número de respostas seja ligeiramente maior que 14 ($R = 17$). *Lambda* é, segundo os mesmos autores, um indicador geral do grau em que o sujeito está disposto a abrir-se a um campo de estímulos novo. Um resultado elevado desta medida poderá significar que o sujeito procedeu a uma simplificação perceptiva ou recorreu a um uso abusivo de controlo intelectual, com o que se poderá ter eliminado a maior parte dos elementos referentes a emoções, aspectos interpessoais, auto-percepção, entre outros. Isto é, trata-se de um protocolo que contém informação meramente descritiva, não permitindo por isso tirar muitas conclusões acerca do sujeito em questão, como se pode observar no anexo III 3. (transcrição do protocolo de Rorschach).

Exner e Sendín (1995, p.15) afirmam que é difícil diferenciar o protocolo em que esta situação «expressa resistência», do protocolo em que esta indica «um válido indicador de um estilo de resposta», pelo que aconselham muita prudência no momento de decidir se se trata de um traço de personalidade ou uma situação reactiva.

Quadro 4.2.

Resultados Obtidos na PCL-R para Pontuação Total, Factor 1 e Factor 2

Pontuação Total	18
Factor 1	12
Factor 2	2

Quadro 4.3.

Resultados obtidos no Teste de Rorschach apresentados através do Sumário Estrutural

Localização	Determinantes		Conteúdos	Sucessão	
	Complexos	Simples			
			H = 0	I. W	
Zf = 17		M = 0	(H) = 0	II. W	
Zsum = 67,5		FM = 1	Hd = 3	III. D	
Zest = 56,0		m = 0	(Hd) = 0	IV. D	
W = 3		FC = 3	Hx = 0	V. W	
D = 13		CF = 1	A = 9	VI. D	
W+D = 16		C = 0	(A) = 0	VII. D	
Dd = 1		Cn = 0	Ad = 4	VIII. D.Dd	
S = 0		FC' = 0	(Ad) = 0	IX. D.D.D.	
		C'F = 0	An = 0	X. D.D.D.D.D.	
		C' = 0	Art = 0		
		FT = 0	Ay = 0		
Qualidade de Desenvolvimento (QD)		TF = 0	BI = 0	Códigos Especiais	
		T = 0	Bt = 1		
		FV = 0	Cg = 1	Nível 1	Nível 2
(FQ-)		VF = 0	Cl = 0	DV = 0 x1	0x2
		V = 0	Ex = 0	INC = 0 x2	0x4
+ = 2 (1)		FY = 0	Fd = 0	DR = 1 x3	0x6
o = 15 (1)		YF = 0	Fi = 0	FAB = 0 x4	0x7
v/+ = 0 (0)		Y = 0	Ge = 1	ALOG = 0 x5	
v = 0 (0)		FD = 0	Hh =	CON = 0 x7	
		F = 12	Ls = 1		
		Fr = 0	Na = 0	Soma Bruta = 1	
		rF = 0	Sc = 0	Soma Ponderada = 3	
		(2) = 0	Sx = 0		
			Xy = 0		GHR = 0
			Id = 0	AB = 0	PHR = 0
				AG = 1	MOR = 0
				COP = 0	PER = 0
				CP = 0	PSV = 6
Qualidade Formal (FQ)					
FQx	MQual	W+D			
+ = 0	+ = 0	+ = 0			
o = 5	o = 0	o = 5			
u = 10	u = 0	u = 10			
- = 2	- = 0	- = 1			
no = 0	no = 0	no = 0			
Proporções, Percentagens e Derivações					
R = 17		L = 2.40			

(continua)

Quadro 4.3. (continuação)

Stress			Afectos		Interpessoal
EB = 0:2.5	EA = 2.5	EBper=0	FC : CF + C = 3:1	COP =0	AG =1
eb = 1:0	Es = 1	DScore=0	Pure C =0	Food=0	PER =0
	Adj es = 1	Adj D =0	SumC':WSumC= 0:2,5	Isolamento = 0.12	
			Afr =1,43	H: (H)+Hd+(Hd)= 0:3	
FM = 1	SumC'= 0	SumT =0	S =0	SumT =0	
m = 0	SumV= 1	SumY =0	Complex : R = 0:17	a : p = 0:1	
			Cp =0	GHR : PHR = 0:0	
Ideação		Mediação	Processamento	Auto-percepção	
a : p =0:1	Sum6 =1	XA% = 0,88	Zf =17	3r+(2)/R = 0,00	
Ma : Mp 0:0	Lvl-2 = 0	WDA% = 0,94	Zd =11,5	Fr + rF =0	
2AB+(Art+Ay) =0:0	WSum63=	X-% = 0,12	W:D:Dd =3:13:1	FD =0	
M- =0	M none= 0	S- =0	W : M = 3:0	An + Xy = 0	
		P =3	DQ+ =2	MOR =0	
		X+% =0,29	DQv =0	SumV =0	
		Xu% = 0,59	PSV =6		
PTI= 0	DEPI=3	CDI=3	S-Con=4	HVI= NO	OBS= NO

V - Discussão *HEADING 1*

Com o objectivo de entender e integrar os resultados anteriormente expostos neste caso específico, segue-se uma breve exposição dos factos mais relevantes para este estudo da história de vida de X obtidos através da PCL-R, podendo a versão completa desta entrevista ser encontrada e consultada no anexo III 4..

X é um indivíduo do sexo masculino, caucasiano, de 37 anos, que nasceu e cresceu numa pequena aldeia do Norte do país com os seus pais naturais e mais cinco irmãos, sendo este “mais ou menos o do meio” (F1¹⁹). Quando lhe é pedido para descrever os seus pais (F1), este diz um pouco envergonhado e fugidio que o seu pai “tinha mau feitio”, descrevendo em acto contínuo uma situação em que o pai fora enganado num negócio e dando a entender que nesse dia teria acontecido algum tipo de maltrato, sem contudo o verbalizar. Isso só aconteceu mais tarde quando contou que para além de agredir fisicamente os filhos, o pai também batia na sua mãe (F2). Quando questionado acerca desta, diz muito emocionado “a minha mãe é uma santa”, acrescentando depois que esta sempre foi muito boa com todos os filhos.

O pai de X emigrava por longos períodos de tempo, tempos que este

¹⁹ Esta e outras referências que se seguirão entre parênteses correspondem ao grupo e questão da PCL-R em que a informação se encontra, de modo a facilitar a sua consulta no anexo supramencionado.

escreve desta forma em resposta à questão *Havia disciplina em casa, as coisas eram rígidas? (...)*: “Havia, quando o meu pai estava...ele tinha mau feitio...quando ele não estava era tudo bom, com a minha mãe...” (F1). Quanto à frequência destes maus-tratos, X diz ter sido vítima desde muito pequeno até sair de casa, o que aconteceu aos 16 anos (F2), diz também nunca ter sido vítima de abuso sexual reagindo com alguma indignação à questão (F2). Quanto às relações familiares actuais, X diz serem boas com quase toda a família, à excepção de duas irmãs e dois cunhados que, segundo ele, estão envolvidos no complô que o “meteu na prisão” (F5). Os restantes membros da família, assim como vários amigos (faz questão de referir por diversas vezes que mantém várias e boas amizades com pessoas que continuam a acreditar nele) visitam-no frequentemente, segundo ele, o que nas suas palavras “surpreende os outros reclusos e até mesmo os guardas”, mantendo para além disso um contacto diário com a sua mãe através do telefone.

Relativamente à sua história escolar, X conta que era bom aluno, respeitador, tímido (A7), assíduo (faltava apenas quando tinha de ajudar a família no negócio que tinham montado, A3), bem comportado (A7) mesmo quando as outras crianças faziam asneiras, e que era o oposto destas pois ao contrário de todos ele preferia a escola a estar de férias, porque neste período era obrigado a trabalhar (A5), motivo que o levou a sair definitivamente da escola no 6.º ano. Conta também que durante algum tempo pensou ir para o seminário, algo que não se concretizou pois tinha de trabalhar com os pais (A5). Começou a trabalhar a tempo inteiro no negócio familiar aos 13 anos e aos 16 foi trabalhar para longe de casa “nas obras” (A9). Depois disto também ele emigrou durante dois anos, voltando ao país para cumprir o serviço militar. Ficou nove anos ligado ao exército, tendo recebido vários louvores e medalhas por serviços prestados durante esse período, sendo “forçado” a sair por ter esgotado todos os contratos possíveis. Nessa altura pensou emigrar novamente, mas conta com alguma emoção que decidiu ficar pela sua família, especialmente pela irmã que o viria a trair mais tarde, para além disso, tinha recebido uma boa oferta de emprego numa empresa de segurança de um conhecido e como sempre gostou de “fardas, de disciplina” resolveu ficar (A9).

Quanto às suas relações conjugais, ele mesmo afirma que sempre teve muitos namoricos, parecendo estas caracterizar-se por uma certa superficialidade (G1). Conta que teve uma grande desilusão há muito tempo atrás, quando tinha 19 ou 20 anos, e que depois disso nunca foi “muito certo com as outras”. Tem dois filhos de duas mulheres diferentes, não tendo vivido nunca com nenhuma delas, apesar de ter assumido e ajudado a criar os seus filhos através de uma pensão que paga a ambas. Embora tenha afirmado manter uma boa relação com os dois filhos, diz mais tarde que perdeu o contacto do filho mais novo há dois anos, não parecendo isso constituir motivo de grande preocupação para X (G1). Relativamente à mulher com quem teve o primeiro filho, conta com grande indignação (talvez com demasiada) que a relação terminou definitivamente no dia em que foram registar a filha (actualmente com 14 anos) e ele descobriu que ela tinha apenas 15 anos naquela data, quando ele tinha 23.

Os crimes de que foi acusado e pelos quais se encontra a cumprir pena terão sido perpetrados em 2001 sobre um menor de 11 anos que pertence à sua família. O julgamento contou com o testemunho deste no qual o mesmo descreve, segundo a informação presente no processo jurídico-penal, coerentemente e com uma pormenorização razoável o sucedido. Para além desta situação, encontra-se no mesmo processo uma outra acusação relativamente a uma situação com outro menor que terá acontecido em 2002, mas pela qual o individuo não foi julgado e que nunca foi referida pelo mesmo durante o estudo. É também de salientar a atitude sedutora ao mesmo tempo que submissa que o sujeito manteve durante todo o processo, empreendendo um claro esforço para se apresentar de forma cordial e “respeitadora” (característica que atribui a si mesmo por várias vezes), tentando passar uma imagem positiva de si quer através de acções (cavalheirismo, gentileza, disponibilidade), quer pelas informações que foi dando acerca de si mesmo (trabalhador, esforçado, pessoa de princípios), e da forma como entende que os outros o vêem. Por último, quando é questionado sobre os efeitos que os seus crimes teriam provocado na vítima X diz que sabe que esta sofre muito por ser “obrigada a fazer-me isto” (J7).

Reflectindo sobre a conjugação dos resultados obtidos nas três provas apresentadas no capítulo anterior, destaca-se em primeiro lugar a arregada atitude defensiva e o forte controlo intelectual mantidos pelo sujeito ao longo de todo o processo. Estes são especialmente perceptíveis nas provas de avaliação psicológica em que os resultados são à primeira vista mais dificilmente manipuláveis, como é o caso do MMPI-2 e também do Rorschach (em que o protocolo foi invalidado devido a este estilo de resposta descritivo e defensivo). Efectivamente, o resultado elevado atingido tanto na escala de mentira ($L=67$) da prova MMPI-2, como na pontuação *Lambda* ($L=2.44$) do teste Rorschach, comprovam esta tendência. Outros elementos a salientar, muito presentes no MMPI-2 e também no seu discurso, são as ideias paranóides e os sentimentos depressivos. De facto, as normas para a população espanhola desta prova indicam mesmo a presença de uma psicose paranóide a avaliar pela pontuação elevada obtida na escala clínica Paranóia ($Pa=81$), assim como pelos resultados das escalas de conteúdo Pensamento Extravagante ($Biz=60$) e Cinismo ($CYN=64$), que sugerem esta tendência de interpretar mal as intenções e de manter uma desconfiança base em relação aos outros, bem como de se pensar objecto de conspiração. Relativamente ao elemento depressivo, este é sugerido tanto pelas duas escalas clínica e de conteúdo que se referem à depressão ($D=68$; $DEP=61$) e pela escala de Ansiedade ($ANX=60$), como pelo humor depressivo perceptível por diversas vezes ao longo do estudo, particularmente frequente quando se abordava o tema família. Contudo, tal como para o teste de Rorschach, coloca-se a questão delicada de decidir se estes resultados se devem a características duradouras do sujeito, ou a uma situação reactiva (neste caso, a prisão). Uma vez que ambas são provas de avaliação da personalidade, depreende-se que avaliem traços mais ou menos estáveis do sujeito e não características situacionais e reactivas, ainda que na prova de Rorschach o resultado se deva provavelmente a uma atitude

defensiva²⁰.

Por outro lado, a pontuação elevada obtida na escala clínica de Desvio Psicopático (Pd=71) no MMPI-2 vai de encontro ao resultado atingido pelo sujeito na PCL-R (18), que o classifica como “não psicopata” (Gonçalves, 1999). No entanto, de acordo com as normas para a população espanhola, este resultado no MMPI-2 não indica tratar-se de um psicopata, sugerindo apenas a presença de alguns traços da síndrome como problemas familiares, impulsividade, relações superficiais, energia, criatividade, o que vai ao encontro do que foi anteriormente exposto relativamente à sua história de vida. Outro facto a realçar é a grande discrepância existente entre os dois factores que compõe a PCL-R (anteriormente descritos), em favor do primeiro deles. Esta diferença, como foi mencionado anteriormente, poderá sugerir a existência de traços de personalidade psicopáticos, ainda que perante a ausência de um estilo de vida anti-social (*idem*) o que vai igualmente ao encontro da informação recolhida sobre o sujeito, e à interpretação do resultado da escala Pd segundo as normas espanholas.

Tentando agora entender este conjunto de dados e informações à luz do que foi exposto no enquadramento conceptual, particularmente do conceito e teoria defendidas por Socarides (1998, 2004) sobre a pedofilia, este sujeito parece enquadrar-se na categoria da pedofilia edipiana, isto é, nos chamados Comportamentos Pedófilos. Esta é uma forma ocasional ou situacional e, por isso, não clínica da pedofilia em que os actos perversos são transitórios e não estereotipados (*idem*). Nestes casos o sujeito logra, na maioria das vezes, a viver uma vida aparentemente normal, mantendo usualmente relações sexuais também com adultos (Socarides, 1998, 2004; Masi, 2007), dados condizentes com a informação recolhida sobre a história de vida de X, nomeadamente no que diz respeito aos seus relacionamentos.

Socarides (1988, 2004) explica a origem destes Comportamentos Pedófilos através de uma falha na resolução do Complexo de Édipo e a níveis elevados de ansiedade de castração, isto é, através de um conflito estrutural entre as pulsões agressivas e sexuais do sujeito e as suas proibições e princípios. Estas pulsões são desde muito cedo, entre os dois e os três anos, reprimidas no inconsciente pela educação e, mais tarde, pela acção interna do super-ego, porém, em determinadas situações estas tendem a emergir para o consciente. Escapam assim à acção da censura e do recalçamento, obrigando o ego a criar formações de compromisso (sintomatologia neurótica) de forma a diminuir a angústia e culpabilidade e restabelecer o equilíbrio interno (Paixão, 2002a). Atendendo à história

²⁰ Efectivamente, o sujeito recusou-se por duas vezes a responder ao teste, o que evidencia a sua grande resistência relativamente ao mesmo, além do que as escasas respostas menos descritivas que dá (“S: Pela zona da cabeça, porque sobressaem (...) Aqui em baixo também tem parecenças com um casaco de uma criança.”; “S: Parece uma parte do corpo humano, pela cor e pelo aspecto em si... (...) Esta parte aqui no interior, mais clara, tem parecenças com um feto (elemento superior da mancha), não acha?”; “S: Sim, aqui em cima, olhe...as patas e o rabo levantado...parece que estão zangados (ri-se)”) acontecem na fase de inquérito da prova, nas pranchas VIII, IX e X.

familiar de X nos seus primeiros tempos de vida, isto é, à figura paterna ausente e maltratante e à figura materna demasiado boa (“a minha mãe é uma santa!”) e aparentemente onnipotente, bem como a todo o comportamento exemplar apresentado por este durante a sua infância, poder-se-á sugerir tratar-se de uma não resolução do Complexo de Édipo pela inexistência de uma figura de identificação masculina adequada, com consequentes angústias de castração e submissão ao pai do mesmo sexo (Paixão, 2002a; Socarides, 1988, 2004). Segundo Socarides (1988, p.106), os mecanismos de defesa a que estes sujeitos (pedófilos edipianos) recorrem com mais frequência são «semelhantes àqueles encontrados nos neuróticos», nomeadamente a repressão, o deslocamento, a identificação ao agressor, o recalçamento, entre outros. Também este dado vai ao encontro quer da informação recolhida sobre o sujeito durante o estudo realizado, quer dos resultados das provas (negação peremptória dos factos, o deslocamento da culpa, a repressão e resistência presentes em ambas as provas de avaliação da personalidade, etc.). De facto, nas palavras de Paixão (2002a), a sintomatologia neurótica «apresenta-nos duas faces: o indivíduo sofre e tem prazer ao mesmo tempo», o que o leva a querer, por um lado, curar-se e, por outro, a manter inconscientemente a condição de doente, podendo esta dupla finalidade explicar a negação feita por este sujeito.

Neste âmbito, a função do acto perverso seria a de alcançar ao mesmo tempo a posição de criança “amada” e de mãe “amando”, sem ter de abrir mão do seu pénis e enfrentar uma colossal ansiedade de castração (Socarides, 1988, 2004). Como consequência, ainda segundo o mesmo autor, surgiriam sentimentos de vergonha e culpabilidade que, atendendo ao que foi dito anteriormente, podem neste caso ser contrabalançados pelo prazer retirado destes compromissos e por isso reprimidos e mantidos inconscientes. Quanto às funções do ego, ou seja, ao teste da realidade, ao controlo dos impulsos, ao conceito e limites do self, entre outras, estas são preservadas e dominadas pelo princípio da realidade (*idem*), sendo o conflito internalizado e as respostas de ansiedade e depressão frequentemente postas em acção, o que também se enquadra no padrão de resultados e comportamentos do sujeito. As relações de objecto serão desde um «self edipiano infantil e submisso» para um «pai edipiano dominante e proibitivo» (Kernberg, 1975, citado em Socarides, 1988). Reflectindo sobre a descrição que X fez da sua relação com o pai; com a irmã mais velha (comparou o seu mau feitio ao do pai, dizendo “ela tem um feitio...nem lhe conto...” da mesma forma fugidia com que se tinha referido ao pai); com superiores do exército e com o próprio exército *per se*, por representar uma autoridade (sempre gostou de “fardas, de disciplina”); bem como a forma como se posicionou na relação com a Dra. Isabel Sofia e comigo, pessoas com algum poder naquele contexto, denotam precisamente este padrão.

Quanto à função do orgasmo, por último, este parece desempenhar um papel semelhante ao que desempenha nos indivíduos neuróticos, isto é, reforçar e consolidar a coesão do self (Socarides, 1988), podendo o eventual distúrbio na formação do ego deste sujeito tornar ainda maior a necessidade em receber esse reforço.

VI - Conclusões

Numa perspectiva global, com este trabalho pretendeu-se sobretudo reunir informação sobre um assunto que apesar de estar muito em voga, como foi dito na introdução e é do conhecimento geral, encontra escassos consensos na literatura e surge muitas vezes entrelaçado com o conceito de Abuso Sexual de Menores. Deste modo, conseguiu-se explorar e analisar esta e outras ideias confusas a respeito da pedofilia, tão profundamente assentes na sabedoria comum tal como em vários ramos do conhecimento científico, para depois abordar o tema de um ponto de vista psicopatológico.

Neste contexto, a revisão da literatura que se debruça sobre o assunto, em especial dos contributos de C. Socarides a respeito do tema, permitiu que se chegasse a uma definição do conceito que, sem pretensões de ser absoluta ou perfeita, resultou relativamente abrangente e compreensiva. Também as teorias que procuram explicar o fenómeno de um ponto de vista psicológico foram aqui examinadas, podendo-se concluir que a grande maioria aborda o estudo da pedofilia de forma superficial e descritiva, sem muitas vezes procurar responder ao “porquê”, isto é, sem procurar conhecer o que está na base desta psicopatologia e por detrás do sintoma perverso. Uma vez mais, a teoria de Socarides sobre as perversões sexuais e a pedofilia, em particular, constituiu uma ajuda valiosa para responder a estas questões.

A componente metodológica, por outro lado, não permitiu extrapolar e generalizar os resultados e conclusões pelas limitações inerentes ao tipo de estudo levado a cabo. Não obstante essa falha, todo o processo que envolveu o estudo de caso realizado com o sujeito no EPC trouxe um conhecimento impossível de absorver através dos livros, mais humano e até mais enriquecedor, na medida em que este tipo de contacto obriga a que se enfrentem e revejam conhecimentos, preconceitos, limites e também as supraditas ideias confusas, contribuindo para tornar menos obscura e misteriosa a esfera da pedofilia.

Contudo, é igualmente importante reconhecer que muito ficou por dizer e fazer no que diz respeito ao estudo das características psicológicas do pedófilo, objectivo central deste trabalho. Deste modo, afigura-se relevante destacar algumas das limitações que desde logo ficaram a descoberto, bem como sugestões para pesquisas vindouras.

Uma das limitações deste estudo relaciona-se com a impossibilidade de consultar todas as referências bibliográficas desejadas e porventura importantes para este tema, quer devido ao condicionante tempo, quer pelo difícil acesso a algumas delas. Outra delas reside no estudo das características e do papel que a criança desempenha nesta dinâmica, factor igualmente essencial para entender este fenómeno psicopatológico, mas que não foi possível examinar com a devida atenção no presente trabalho.

Também os problemas ao nível da generalização que o tipo de metodologia empreendido acarreta representam dificuldades, neste caso impossíveis de contornar. Para além de procurar preservar o carácter unitário do objecto social de estudo, a validade externa dos resultados e conclusões é evidentemente baixa, pelo que os mesmos não são generalizáveis à população (Moreira, 2007). Neste contexto, seria importante e interessante

replicar este estudo com um número de sujeitos que permitisse realizar um plano experimental, bem como proceder a um tratamento e análise estatística dos dados. Ainda no que diz respeito à metodologia, o facto do participante fazer parte de uma população com características muito específicas e do próprio estudo ter sido realizado no contexto prisional pode ter influenciado o seu comportamento e, conseqüentemente, os resultados. Deste modo, e por último, seria importante recolher uma amostra preferencialmente fora do contexto legal, algo difícil de realizar actualmente pelo preconceito e negatividade que este tema encerra.

Bibliografia

- Abrunhosa, R. & Machado, C. (Eds.). (2005). *Psicologia forense*. Coimbra: Quarteto.
- Alberto, I. (2006). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Almeida, A. (2003). *Abuso sexual de crianças: Crenças sociais e discursos da Psicologia*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Azevedo, M. (2008). *Teses, relatórios e trabalhos escolares: Sugestões para estruturação da escrita* (6.^a ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Bonner, S. (2006). A servant's bargain: Perversion as survival. *International Journal of Psychoanalysis*, 87 (6), 1549-1567. Consultado em Dezembro 20, 2007, disponível em PROQUEST database.
- Butcher, J. (2005, Abril). *Highlights from MMPI history: A timeline perspective*. Handout for 9th Annual Conference on Contemporary Applications of Psychological Testing. Resumo recuperado em 2008, Junho 26, de <http://www1.umn.edu/mmpi/fifty.php>.
- Cooper, S. (2005). *Medical, legal & social science aspects of child sexual exploitation: A comprehensive review of pornography, prostitution and internet crime*. St. Louis, MO: GW Medical Publishing.
- Exner, J. & Sendín, C. (1995). *Manual de interpretación del Rorschach: Para el sistema comprehensivo*. Madrid: Psimática.
- Exner, J. (2001). *A Rorschach workbook for the comprehensive system* (5.^a ed.). Asheville, NC: Rorschach Workshops.
- Fávero, M. (2003). *Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores*. Lisboa: Climepsi.
- Fernandes, J. (Ed.) (2002). *DSM-IV-TR: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. Lisboa: Climepsi. (Trabalho original em inglês publicado em 2000.)
- Fontaine, J. (1990). *Child Sexual Abuse*. Cambridge: Polity Press.
- Freud, S. (1905). *Three contributions to the theory of sex* (2.^a ed.). Recuperado em 2008, Janeiro 16, de <http://www.gutenberg.org/etext/14969>.
- Gacono, C & Evans, F. (2008). *The handbook of forensic Rorschach assessment*. New York: Routledge.
- Glaser, D. & Frosh, S. (1988). *Child Sexual Abuse*. Basingstoke: Macmillan

Education.

- Glasser, M; Kolvin, I.; Campbell, D.; Glasser, A.; Leitch, I.; Farrelly, S. (2001). Cycle of child sexual abuse: Links between being a victim and becoming a perpetrator. *The British Journal of Psychiatry*, 179, 482-494. Consultado em Dezembro 10, 2007, disponível em PROQUEST database.
- Gomes, A. & Coelho, T. (2003). *A sexualidade traída: Abuso sexual infantil e pedofilia*. Porto: Âmbar.
- Gonçalves, R. (1999). *Psicopatia e processos adaptativos à prisão: Da intervenção para a prevenção*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- Greenberg, J. & Mitchell, S. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Cambridge: Harvard University Press.
- Hall, R & Hall, R. (2007). A profile of pedophilia: Definition, characteristics of offenders, recidivism, treatment outcomes, and forensic issues. *Mayo Clinic Proceedings*, 82 (4), 457-471. Consultado em Fevereiro 17, 2008, disponível em www.mayoclinicproceedings.com.
- Hamilton, V. (1982). *Narcissus and oedipus: The children of psychoanalysis*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Horton, C. & Cruise, T. (2001). *Child abuse and neglect: The school's response*. New York: Guilford Press.
- Kernberg, O. (1985). *Internal world and external reality: Object relations theory applied*. New York: Aronson.
- Kohut, H. (1996). *The restoration of the self*. Madison, Connect: International Universities Press.
- Mahler, M. (1986). *O nascimento psicológico da criança: Simbiose e individuação* (2.^a ed.) (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original em inglês publicado em 1975.)
- Marcano, S. & Prengler, A. (2006). Sexual abuse: The abusive family unit. *International Journal of Psychoanalysis*, 87 (3), 853-856. Consultado em Janeiro 22, 2008, disponível em PROQUEST database.
- Masi, F. (2007). The paedophile and his inner world: Theoretical and clinical considerations on the analysis of a patient. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88, 147-165. Consultado em Dezembro 18, 2007, disponível em PROQUEST database.
- Matos, A. (1995). *Sexualidade, psicosexualidade e agressão sexual: Contributo para o estudo do modo de funcionamento mental de agressores sexuais e violadores*. Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.
- Ogden, T. (1990c). *The matrix of the mind: Object relations and the psychoanalytic dialogue*. Northvale, N. J. : Aronson.
- Paixão, R. (2002a). Manual de Psicopatologia Infantil e Juvenil. Em *Sistemas de diagnóstico em psicopatologia* (Volume I, Capítulo

- II). Recuperado em 2008, Fevereiro 2, de <http://www.fpce.uc.pt/pessoais/rpaixao/reservada/8.htm>.
- Pirlot, G. & Pedinielli, J. (2006). *As perversões sexuais e narcísicas* (E. Pestana, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Trabalho original em francês publicado em 2005.)
- Pritchard, C. (2004). *The child abusers: Research and controversy*. Open University Press.
- Rebocho, M. (2007). *Caracterização do violador português: Um estudo exploratório*. Coimbra: Almedina.
- Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis.
- Seto, M. (1999). Paedophiles and sexual offences against children. *Archives of Sexual Behavior*, 28 (3), 276-279. Consultado em Dezembro 14, 2007, disponível em PROQUEST database.
- Seto, M. (2004). Pedophilia and sexual offenses against children. *Annual Review of Sex Research*, 15, 321-361. Consultado em Dezembro 14, 2007, disponível em PROQUEST database.
- Socarides, C. (1988). *The preoedipal origin and psuchoanalytic therapy of sexual perversions*. Madison, CT: International Universities Press.
- Socarides, C. & Loeb, L. (Eds.). (2004). *The mind of the paedophile: Psychoanalytic perspectives*. London: Karnac.
- Trindade, J & Breier, R. (2007). *Pedofilia: Aspectos psicológicos e penais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- Vidigal, M. J. (1998). Reflectindo sobre a saúde mental infantil: Prevenção dos maus- tratos, abuso sexual e disfunções comportamentais. *Ciência e Técnica. Sinais Vitais*, 20, 41-44.

Anexos:

- Anexo I:** A Unitary Theory of Sexual Perversion in the Male (Socarides, 1988, p.63/64)
- Anexo II:** Autorizações da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais:
1. Para a realização do estudo de caso no Estabelecimento Prisional de Coimbra
 2. Para a consulta do processo jurídico-legal do participante do estudo
- Anexo III:** Resultados:
1. MMPI-2 (folha de perfil)
 2. PCL-R (grelha de pontuação)
 3. Rorschach (protocolo de respostas)
 4. PCL-R (transcrição da entrevista)

Anexo I: A Unitary Theory of Sexual Perversion in the Male

Basic Preodipal Nuclear Conflict

(6 months – 3 years)

Failure in Traversing the Separation-Individuation Phase of Development

(Failure to make intrapsychic separation from the mother)

1. Merging and fusion phenomena
2. Predominance of primitive and archaic mental mechanisms
3. Defective early ego development
4. Increase in early aggression, both primary and secondary
5. Disturbance in body-self schematization, particularly of the genital area
6. Disturbance in the attainment of object constancy

Persistence of Primary Feminine Identification

Faulty Gender-Defined Self Identity

Specific Organizing Experiences and Traumata Leading to Choice of the Later Perversion

Passage Through the Oedipal Phase

(3 – 5 years)

(increased castration anxiety, negative oedipal position; specific ego and ms superimposed on preoedipal fixation)

Perversion

All perversions reflect:

1. Different compromises between simultaneous identifications with the “phallic and penisless” mother
2. Wish to maintain optimal distance from and/or closeness to the mother without fear of engulfment
3. Faulty development of object representations
4. Lack of adequate separation of self and object
5. A reassuring and reaffirming function
6. A warding off (of dangers) function
7. Need-tension gratification through the sensoriperceptive apparatus

(Socarides, 1988, pp.63-64)

Anexo II: Autorizações da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais:

1. Para a realização do estudo de caso no Estabelecimento Prisional de Coimbra


 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 Direcção-Geral dos Serviços Prisionais
 Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Exma Senhora
 Dra. Rafaela Oliveira Lima
 Rua do Teodoro nº 57 - 2º

3030-213 Coimbra

V/ referência	N/ referência	Ofício N.º	Data
	Inf. 80/DSPRE	314/DSPRE/2008	2008/07/18

Assunto: Investigação académica para Mestrado Integrado em Psicologia no EP de Coimbra - autorização para consulta de processo

Tenho a honra de informar V. Exa. que, por despacho do Senhor Subdirector-Geral, datado de 17/07/2008, foi autorizada a consultar o processo sobre a situação jurídico-penal do recluso a analisar, na sequência da autorização concedida a 12/06/08, do trabalho de investigação académica para obtenção de Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no Estabelecimento Prisional de Coimbra.

Em cumprimento do disposto na Circular nº 3/GDG/2002, de 28 de Outubro, que regulamenta o acesso a documentos da administração prisional respeitantes a reclusos, a consulta do processo está sujeita à subscrição de documento no qual se compromete:

- não recolher a identidade do titular dos dados;
- assegurar que, nos textos a produzir, não figurem os dados pessoais a que teve acesso;
- não utilizar os dados pessoais obtidos, para fim diverso do que determinou o acesso.

Para melhor esclarecimento, junto se anexa cópia da supra mencionada Circular.



Pág. Nº 2

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS
Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Mais se informa que se mantêm as condições de autorização constantes do n. Ofício nº 263/DSPRE/08.

Com os melhores cumprimentos,

A Directora de Serviços

(Maria José Matos)

Anexo: cópia da Circular nº 3/GDG/2002.

ID/2008

Anexo II: Autorizações da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais:

2. Para a consulta do processo jurídico-legal do participante do estudo


 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS
 Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Exma Senhora
 Dra. Rafaela Oliveira Lima
 Rua do Teodoro nº 57 - 2º
 3030-213 Coimbra

<i>V/ referência</i>	<i>N/ referência</i>	<i>Ofício N.º</i>	<i>Data</i>
	Inf. 80/DSPRE	314/DSPRE/2008	2008/07/18

Assunto: Investigação académica para Mestrado Integrado em Psicologia no EP de Coimbra - autorização para consulta de processo

Tenho a honra de informar V. Exa. que, por despacho do Senhor Subdirector-Geral, datado de 17/07/2008, foi autorizada a consultar o processo sobre a situação jurídico-penal do recluso a analisar, na sequência da autorização concedida a 12/06/08, do trabalho de investigação académica para obtenção de Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no Estabelecimento Prisional de Coimbra.

Em cumprimento do disposto na Circular nº 3/GDG/2002, de 28 de Outubro, que regulamenta o acesso a documentos da administração prisional respeitantes a reclusos, a consulta do processo está sujeita à subscrição de documento no qual se compromete:

- não recolher a identidade do titular dos dados;
- assegurar que, nos textos a produzir, não figurem os dados pessoais a que teve acesso;
- não utilizar os dados pessoais obtidos, para fim diverso do que determinou o acesso.

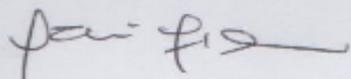
Para melhor esclarecimento, junto se anexa cópia da supra mencionada Circular.


MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS
Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Pág. Nº 2

Mais se informa que se mantêm as condições de autorização constantes do n. Ofício nº 263/DSPRE/08.

Com os melhores cumprimentos,

A Directora de Serviços

(Maria José Matos)

Anexo: cópia da Circular nº 3/GDG/2002.

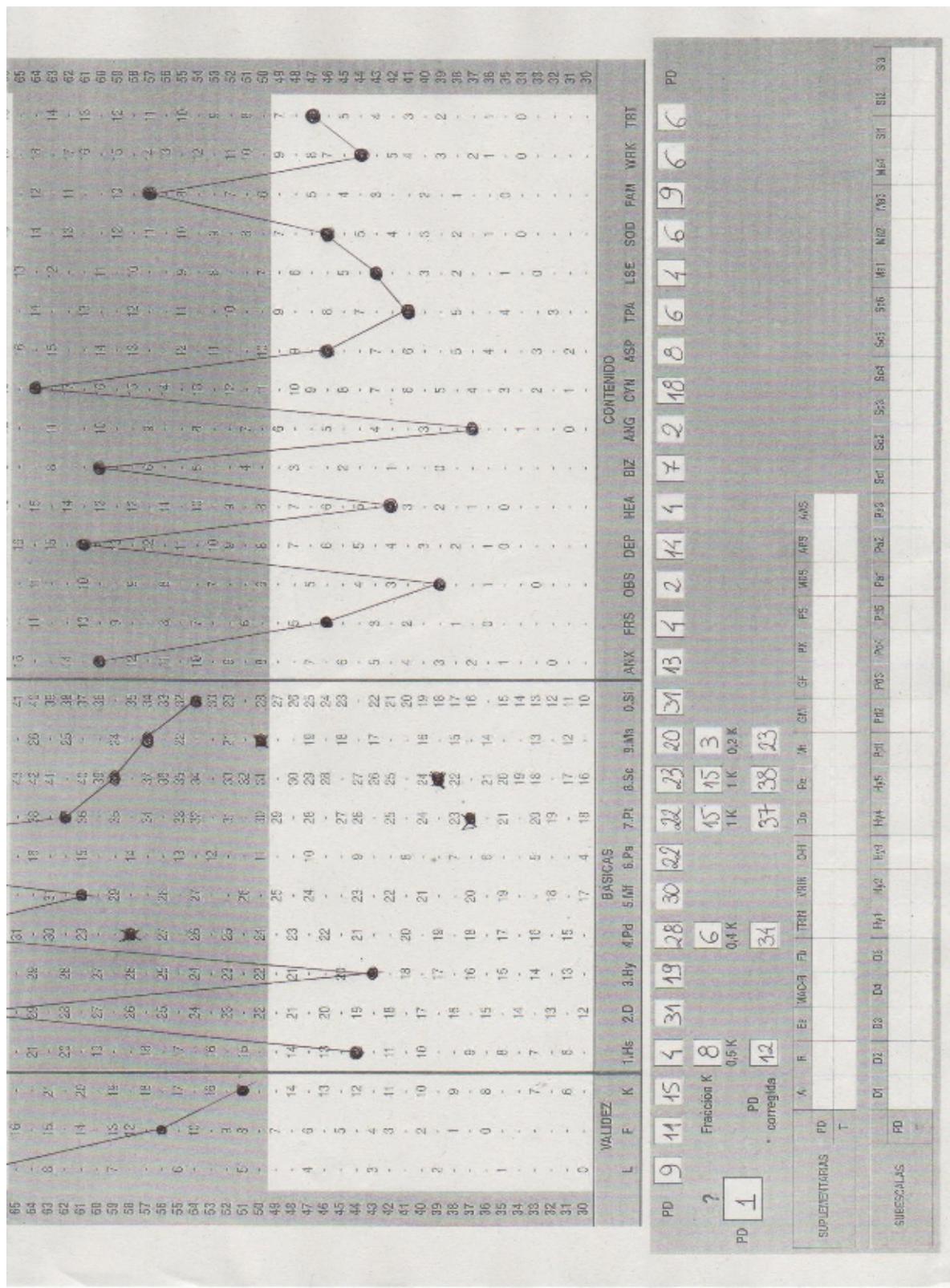
ID/2008

Travessa da Cruz do Toren, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853653 – E-mail: DSPDERI@dgsp.mj.pt
Apartado 21207 – 1133-001 Lisboa

Anexo III: Resultados:
1. MMPI-2 (folha de perfil)

T	L	F	K	1.Hs	2.D	3.Hy	4.Pd	5.Mt	6.Pa	7.Pt	8.St	9.Ma	0.Si	ANX	FRS	OBS	DEP	HEA	BIZ	ANG	CYN	ASP	TPA	LSE	SOD	FAM	WRK	TRT	T
120	-	47	-	-	57	-	57	-	-	71	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	120
119	-	46	-	-	56	-	56	-	35	70	94	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	119
118	-	-	-	-	55	-	55	-	54	69	82	49	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	118
117	-	45	-	-	55	-	55	-	34	69	81	49	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	117
116	-	-	-	-	54	-	54	-	-	80	80	47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	116
115	-	44	-	-	54	-	54	-	-	67	79	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	115
114	-	-	-	-	53	-	53	-	33	66	78	46	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	114
113	-	43	-	-	53	-	53	-	51	65	77	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	113
112	-	-	-	-	52	-	52	-	32	64	76	45	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	112
111	-	42	-	-	51	-	51	-	31	63	74	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	111
110	-	41	-	-	50	-	50	-	49	62	73	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	110
109	-	-	-	-	49	-	49	-	48	61	72	43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	109
108	-	40	-	-	48	-	48	-	31	60	70	44	-	-	-	-	-	-	23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	108
107	-	-	-	-	47	-	47	-	29	60	70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	107
106	-	39	-	-	46	-	46	-	28	58	69	-	-	-	-	-	-	36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	106
105	-	-	-	-	45	-	45	-	27	57	68	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	105
104	-	38	-	-	44	-	44	-	27	56	65	-	-	-	-	-	-	-	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	104
103	-	37	-	-	43	-	43	-	26	55	64	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	103
102	-	36	-	-	42	-	42	-	25	54	63	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	102
101	-	-	-	-	41	-	41	-	24	53	61	-	-	-	-	-	-	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	101
100	-	35	-	-	40	-	40	-	23	52	60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
99	-	34	-	-	39	-	39	-	22	51	59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	99
98	-	-	-	-	38	-	38	-	21	50	58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	98
97	-	33	-	-	37	-	37	-	20	49	57	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	97
96	-	32	-	-	36	-	36	-	19	48	56	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	96
95	-	-	-	-	35	-	35	-	18	47	55	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	95
94	-	32	-	-	34	-	34	-	17	46	54	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	94
93	-	31	-	-	33	-	33	-	16	45	53	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	93
92	-	30	-	-	32	-	32	-	15	44	52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	92
91	-	-	-	-	31	-	31	-	14	43	51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	91
90	-	29	-	-	30	-	30	-	13	42	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	90
89	-	28	-	-	29	-	29	-	12	41	49	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	89
88	-	27	-	-	28	-	28	-	11	40	48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	88
87	-	26	-	-	27	-	27	-	10	39	47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	87
86	-	-	-	-	26	-	26	-	9	38	46	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	86
85	-	25	-	-	25	-	25	-	8	37	45	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	85
84	-	24	-	-	24	-	24	-	7	36	44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	84
83	-	23	-	-	23	-	23	-	6	35	43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	83
82	-	22	-	-	22	-	22	-	5	34	42	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	82
81	-	21	-	-	21	-	21	-	4	33	41	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	81
80	-	20	-	-	20	-	20	-	3	32	40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	80
79	-	19	-	-	19	-	19	-	2	31	39	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	79
78	-	18	-	-	18	-	18	-	1	30	38	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	78
77	-	17	-	-	17	-	17	-	0	29	37	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	77
76	-	16	-	-	16	-	16	-	0	28	36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	76
75	-	15	-	-	15	-	15	-	0	27	35	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	75
74	-	14	-	-	14	-	14	-	0	26	34	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	74
73	-	13	-	-	13	-	13	-	0	25	33	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	73
72	-	12	-	-	12	-	12	-	0	24	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	72
71	-	11	-	-	11	-	11	-	0	23	31	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	71
70	-	10	-	-	10	-	10	-	0	22	30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70
69	-	9	-	-	9	-	9	-	0	21	29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	69
68	-	8	-	-	8	-	8	-	0	20	28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	68
67	-	7	-	-	7	-	7	-	0	19	27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	67

Anexo III: Resultados:
2. PCL-R (grelha de pontuação)



Anexo III: Resultados:
3. Rorschach (protocolo de respostas)

Respostas	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>1. Um morcego</p>	<p>Avaliador: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>Sujeito: Pela parte da frente (aponta na folha de localizações), da cabeça e da boca.</p> <p>A: Mostre-me onde é que o vê.</p> <p>S: (Aponta) Pelo aspecto das asas e etc.</p>	<p>Wo Fo A P 1.0</p>
<p>II ▽</p> <p>2. Uma borboleta</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>S: A zona de trás (aponta para a zona superior a vermelho), a parte da cauda. Aqui em baixo parece uma borboleta mais pequena (aponta para zona inferior a vermelho).</p> <p>A: Uma borboleta mais pequena...</p> <p>S: Sim, aqui a parte da cabeça... Não sei... Não sei... Parece tudo borboletas ou morcegos, são esquisitos estes desenhos. Por exemplo aqui esta parte branca não faz bem parte da borboleta (toma a prancha anterior e mostra-me que o mesmo acontece nessa mancha, também aí há “buracos que não pertencem”)</p> <p>A: Buracos que não pertencem...</p> <p>S: Sim, não terminaram o desenho...</p>	<p>Wo FCu A 4.5</p>
<p>III ▽</p> <p>3. Uma parte de um caranguejo... pelo menos é o que me parece, um animal esquisito, são todos...</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>S: Pela zona das patas, parece mais o esqueleto de um caranguejo. Tem parecências com dois macacos aqui (aponta para os dois elementos superiores a vermelho).</p>	<p>Do Fo Ad 5.5</p>

<p>IV (deu muitas voltas à prancha mas acabou por dar a sua resposta quando esta estava na posição inicial)</p> <p>4. Um morcego, pela cabeça tem parecências.</p>	<p>A: Dois macacos...</p> <p>S: Sim. Dois macaquinhos. Pela zona da cabeça, patas e cauda e pelo aspecto do pelo.</p> <p>Aqui também parece uma borboleta (aponta para mancha central vermelha)...parecem todas, que desenhos difíceis...</p> <p>A: Parece-lhe uma borboleta</p> <p>S: Acho que tem parecências com uma carocha. A Dra. sabe o que é uma carocha?</p> <p>A: Uma carocha?</p> <p>S: Sim, pelo aspecto geral, e tem aqui umas garras à frente...</p>
<p>V</p> <p>5. Uma borboleta</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>S: Também tem parecências com a pele de um animal, aqui estão as patas (aponta para zona inferior da mancha), a zona da cauda (zona inferior central), e da cabeça (zona superior). O morcego parece pela cabeça, pela cauda e as asas, são esquisitas...</p> <p>A: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>S: Não sei... é esquisita, acho que está aqui a cabeça, as asas...Não sei...</p> <p>A: Mostre-me como vê que é uma borboleta</p> <p>S: Pelo aspecto em geral...parecem as patas de um animal aqui (zona inferior)</p>
	<p style="text-align: center;">Do Fu A 2.0 PSV</p> <p style="text-align: center;">Wo Fo A P 1.0 PSV</p>

<p>VI (deu muitas voltas à prancha mas acabou por dar a sua resposta quando esta estava na posição inicial; grande período de latência)</p> <p>6. Parece uma pele de um animal</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito) S: Pelo aspecto em geral A: Pelo aspecto em geral? S: As patas aqui (quatro pontos assinalados na folha de localizações), a zona da coluna... parece pele, mas de um animal esquisito que não sei o que é. Aqui parece a zona da cabeça de um animal esquisito (ri-se).</p>	<p>Do Fo Ad P 2.5</p>
<p>VII ▽ (deu muitas voltas à prancha antes de dar a sua resposta; grande período de latência)</p> <p>7. Parece a pele de um animal, uma parte da pele.</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito) S: Pela zona das patas (aponta para zona superior-posição original). Depois há aqui a zona das coxas e as patas. A parte de cima (a zona inferior-posição original) tem parecências com uma borboleta, com asas grandes. A: Uma borboleta... S: Sim...(aponta na prancha)... Mais nada.</p>	<p>Do Fu Ad 2.5 PSV</p>
<p>VIII (foi dando voltas à prancha à medida que ia respondendo, não havendo por isso uma posição única do mesmo)</p> <p>8. Parecem dois animais esquisitos... aqui dos lados (aponta para elementos laterais a rosa/vermelho), não sei o nome... daqueles que existiam há muitos anos atrás. Também podiam ser ratos</p> <p>9. Também tem parecências com a coluna de um animal (aponta para elemento central que</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito) S: Pela zona da cabeça, porque sobressaem. Depois a zona do meio que parece, pelo aspecto, a coluna... não sei... .. (dá muitas voltas à prancha em silêncio) Aqui em baixo também tem parecências com um casaco de uma criança. A: Um casaco de uma criança... S: Sim, pelo feito e o aspecto, mas é mais uma pele de um animal, uma parte...</p>	<p>Do FCo A 4.5</p> <p>Ddo F- Ad, Cg 4.5 DRI</p>

<p>percorre a mancha).</p> <p>IX (foi dando voltas à prancha à medida que ia respondendo, não havendo por isso uma posição única do mesmo; longo período de latência não só antes de responder mas também entre as respostas)</p> <p>10. A coluna de uma pessoa (aponta para elemento central que percorre a mancha).</p> <p>11. Aqui parecem os pulmões (parte inferior a vermelho/rosa) ...</p> <p>12. Isto aqui parecem mapas (elemento verde central) ...</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>S: A coluna aqui na zona do meio...</p> <p>A: Mostre-me porque lhe parece uma coluna.</p> <p>S: Parece uma parte do corpo humano, pela cor e pelo aspecto em si... não sei...os pulmões aqui, em ligação com a coluna... Esta parte aqui no interior, mais clara, tem parecências com um feto (elemento superior da mancha), não acha? Parece... Aqui o mapa de algum país, pelo aspecto...Mas mais a parte de um corpo humano, de uma pessoa, assim no geral.</p>	<p>Do Fu Hd 5.5 PSV</p> <p>D+ CF- Hd 2.5</p> <p>Do FCu Ge,Hd 5.5</p>
<p>X (foi dando voltas à prancha à medida que ia respondendo, não havendo por isso uma posição única do mesmo; grande período de latência)</p> <p>13. Aqui parecem folhas de árvores (elementos superiores laterais a verde)</p> <p>14. Um alicate aqui (aponta para elemento inferior central a verde).</p> <p>15. Aqui parece também um tipo de animal (elementos centrais laterais a amarelo)</p> <p>16. Uns lagartos aqui nesta parte, grandes... (elementos centrais que percorrem toda a mancha a vermelho).</p>	<p>A: (repete a resposta do sujeito)</p> <p>S: O alicate parece-me pelo aspecto em si, aqui a zona do corte, a mim parece-me... Isto se calhar tem mais parecências com peixes (o que referiu anteriormente serem folhas de árvores) ...</p> <p>A: Peixes...</p> <p>S: Sim, aqui pela cabeça, pelo aspecto...tem vários tipos de animais este desenho...</p> <p>A: Mostre-me onde os vê.</p> <p>S: Pelo aspecto e forma em si, estas coisas amarelas e acastanhadas, os lagartos vermelhos pelo aspecto em si também...</p> <p>A: Também referiu um tipo de touros há pouco...</p> <p>S: Sim, aqui em cima, olhe...as patas e o rabo</p>	<p>Do Fu Bt,A 5.5</p> <p>Do Fu Hh 5.5</p> <p>Do Fu A 5.5 PSV</p> <p>Do Fu A 5.5 PSV</p>

17. Aqui são tipo uns touros (aponta para elementos superiores centrais a cinzento)	levantado... parece que estão zangados (ri-se) ...pelo aspecto em geral...	D+ FMpu A 4.0 AG
---	--	-------------------------

Anexo III: Resultados:

4 PCL-R (transcrição da entrevista)

A – HISTÓRIA ESCOLAR

1. Em quantas escolas primárias andou? [Porque é que mudou de escolas?]

- Apenas uma

2. Em quantas escolas secundárias andou? [Porque é que mudou de escolas?]

- Na mesma escola fiz o 5.º e o 6.º ano e depois saí da escola.

3. Como é que era a sua frequência à escola? [Faltas, fugas,...em que idade(s)?]

- Faltava pouco, só quando tinha de trabalhar. O meu pai esteve muito tempo emigrado e nós tínhamos um negócio de família cá, uma exploração, era uma vacaria, eu ajudava os meus pais.

4. Que curso/ano concluiu? [Alguma vez reprovou? Porquê? Em que idade?]

- No 6.º ano. Nunca chumbei nenhum ano. Tive de sair da escola para ajudar os meus pais, eram tempos difíceis...

5. Como é que era para si a escola?

- Adorava. Quando lá estava não tinha de trabalhar! Eu era o contrário dos outros, eles gostam é quando as férias vêm, eu gostava das aulas porque assim não tinha de trabalhar. Gostava das aulas, dos professores, mas tive de desistir para ir trabalhar...Eu até numa altura gostava de ir para o seminário...foi mais ou menos quando andava na 4.ª classe.

6. Como é que se dava com os seus colegas na escola? [Tinha amigos mais chegados?]

- Dava-me bem, mais com os rapazes da minha terra (conta que a sua escola reunia alunos de várias aldeias e que era com os da sua que se dava melhor, tinham mais coisas em comum... estes também tinham pais emigrados)

7. Como é que era o seu comportamento na escola?

- Sempre foi muito bom...Eu era...tímido, portava-me sempre bem, mesmo quando os outros faziam asneiras, não era por isso que eu também fazia, ficava quietinho no meu lugar... Levei umas reguadas, naqueles tempos era assim... (Q) Porque não trazia os trabalhos de casa feitos às vezes, mas era porque tinha de trabalhar (conta também que a esposa do seu professor, também professora na sala contígua à sua, quando tinha conhecimento tentava impedir que o maridos desse reguadas nele e nos irmãos porque todos conheciam

a situação deles). Era muito bom aluno e respeitador, pelo menos é o que diziam...

8. Concluiu o seu curso secundário?

- (Já foi respondida anteriormente)

9. O que é que fez depois de deixar a escola?

- Trabalhei com os meus pais lá na exploração que tínhamos até aos 16 anos, depois fui para o Algarve trabalhar nas obras e estive lá dois anos. Em 1990/1991 fui para a Suíça trabalhar (para um familiar) mais dois anos, voltei em 1992 para Portugal para fazer o serviço militar e desde aí fiquei na carreira militar até não poder mais (Q) Sim, até 2003, quando se acabaram todos os contratos, depois disso tinha intenções de ir para a Suíça outra vez, até já tinha lá uma proposta... Explica bastante emocionado o que o levou a ficar em Portugal, isto é, para além de receber cá uma proposta de emprego de um conhecido seu do exército para a sua empresa de segurança num cargo importante, diz ter ficado pela sua família, principalmente pela sua irmã que acabou por o trair, nas suas palavras. Acrescenta que sempre gostou “de fardas, de disciplina...”.

10. Fez alguma formação complementar?

- Fiz vários cursos (exército: atirador, AP canhão...)

B – HISTÓRIA PROFISSIONAL

1. Em que é que já trabalhou?

- (Já foi parcialmente respondida anteriormente, digo parcialmente porque o Sr. A.A. quis completar a resposta pois disse ter-se esquecido de “muita coisa”). Costumava ir para as obras durante o tempo de tropa, fazia limpeza e era guarda nocturno também quando dava... (Q) Não gostava de estar parado em casa, enquanto estava a trabalhar não estava a gastar. Também durante este ultimo emprego na empresa de segurança tinha outras actividades paralelas: trabalhava como segurança numa discoteca aos fins-de-semana; continuava a trabalhar nas obras quando podia e ajudava a montar material de ginásio na empresa de uns amigos seus.

2. Quantos empregos diferentes é que teve?

- (Já foi respondido anteriormente)

3. Qual foi o que durou mais? E o que durou menos?

- (Já foi respondido anteriormente)

4. Questões para os três ou quatro empregos mais recentes ou duradouros...

- (Já foi respondida anteriormente)

5. Acha-se um empregado de confiança?

- Sim. Eu gosto de me esforçar e dar o meu melhor em tudo o que faço...

6. Alguma vez deixou um emprego sem ter outro garantido? [Quantas vezes? Em que idade(s)?]

- Não.

7. Já alguma vez esteve desempregado? [Quantas vezes? Em que idade(s)? Por quanto tempo? Como é que se sustentava? Procurou emprego? A sério?]

- Não.

8. Alguma vez recebeu subsidio de desemprego, segurança social ou outra forma de assistência social? [Quantas vezes? Em que idade(s)?]

- Não.

9. Como é que se sustenta, em liberdade?

- (Respondida anteriormente de forma indirecta)

C – OBJECTIVOS PROFISSIONAIS

1. Há algum posto ou ocupação que gostaria de ter? [Há quanto tempo queria isso? Que plano ou preparação fez para obter esse posto? Que formação/treino seriam precisos?]

- Eu já fazia o que gostava, gostava de ter entrado para os quadros quando estava no exército mas nunca abriram vagas enquanto eu lá estive, mas sempre gostei de fardas por isso gosto do que fazia...

2. Quais são os seus planos após a libertação? [Onde é que vai viver? Que meios tem de sustento?]

- Tenho muitas ofertas...como eu costumo dizer trabalho há muito, emprego é que é mais difícil... (Q) Tenho um amigo que me põe nas obras (...); o meu antigo patrão também já me disse que podia voltar...mas na empresa de segurança pode haver problemas agora, o registo criminal (emociona-se); também posso ir para a Suíça (tem lá familiares), ou para a França (tem também familiares). Em seguida conta que tem consciência dos entraves e problemas que poderá passar uma vez que sair dali, pelo que diz que a hipótese de sair do país seja a mais provável, apesar de saber que isso vai deixar a sua mãe muito triste (emociona-se novamente).

3. Tem objectivos a longo prazo? [Onde é que gostaria de estar daqui a dez anos?]

- (Remete para a sua resposta anterior)

4. Que problemas é que acha que vai ter para atingir esses objectivos?
- (Remete igualmente para a sua resposta anterior)

D – SITUAÇÃO ECONÓMICA

1. Alguma vez pediu um empréstimo a pessoas ou banco? [Quanto? Com que idade? Pagou? Porquê?]

- Sim. A um colega, mas foi só por uns dias, 2500€, depois paguei-lhe logo!

2. Tem conta no banco? [Como é que está o seu saldo? Alguma vez falhou no pagamento das suas contas? Quantas vezes? Com que idade?]

- Sim. Sempre estive bem, ganhei para ter a minha casa, o meu carro, o meu dinheiro... sempre trabalhei muito e agora vejo tudo a ir por água abaixo... (Q) Tenho uma indemnização de 10.000€ para pagar e tudo está em risco. (Começa a introduzir a sua “teoria de complô” ao relatar uma situação com o seu cunhado (padrasto da menor de que foi acusado ter violado) em que lhe entregou 15.000€ antes do sucedido para um trabalho que lhe encomendou, dinheiro até hoje perdido).

3. Alguma vez teve de pagar pensão de alimentos? [Quanto? Foi ordenada pelo tribunal? Pagou? Teve falhas no pagamento?]

- Sim. Tenho dois filhos... de mulheres diferentes... (ri-se timidamente)

E – SAÚDE

1. Tem problemas médicos graves? [Descreva-os. Quando começaram?]

- Não. Nunca tive problemas, quando vou ao médico é porque estou mesmo mal porque quase nunca vou, não gosto muito de... desses serviços. Relata depois uma dor nos pulmões que teve recentemente, já a cumprir pena no EP, mas que se revelou através de exames não ser nada. Diz ainda com muito orgulho que conseguiu deixar de fumar ali dentro, e que isso era a maior alegria que tinha dado à sua mãe (emociona-se novamente) pois fumava desde os 16 anos.

2. Alguma vez consultou um psicólogo ou um psiquiatra? [Porquê? Em que idade(s)? Em liberdade ou na prisão? Qual foi o diagnóstico? Que tratamento(s) recebeu?]

- Não. Só cá dentro (desistiu após algumas sessões porque dizia que a psicóloga não acreditava nele)

3. Em criança, alguma vez foi diagnosticado(a) com “hiperactivo”/muito turbulento-irrequieto? [Por quem? Com que idade? Teve algum tratamento?]

- Não. Só não parava quieto porque tinha de trabalhar...

4. Alguma vez tomou medicamentos para os nervos/cabeça?

- Não...só mesmo para dormir, mas não gosto de tomar muito

porque o corpo habitua-se e tento não tomar.

5. Alguma vez se tentou suicidar?

- Não... É assim, aqui dentro não tenho vontade de fazer nada, se me perguntassem se preferia o que me fizeram ou um tiro na cabeça, eu preferia um tiro...mas a minha mãe, eu sei que era a morte dela! (preocupa-se com o facto de eu estar a escrever o que ele está a dizer: “A Dra. vai escrever isto?”)

F – VIDA FAMILIAR

1. Foi criado pelos seus pais naturais?

- Sim...

a) Questões sobre o lar parental:

[Como era a vida lá em casa?]

- Era boa...eram tempos difíceis mas era boa...

[Como é que se dava com os seus pais? Descreva-os? Eram afectuosos para si? Em que trabalhavam? Davam-se bem? Discutiam muito? Brigavam? Alguma vez se separaram? Como é que isso o afectou?]

- O meu pai tinha um bocado mau feitio... (ri-se timidamente e foge com o olhar) (Q) Ele era mau (conta depois uma situação, com todos os detalhes, em que o pai foi enganado num negócio quando ele tinha 12 anos para ilustrar o seu “mau feitio”). (Q) A minha mãe é uma santa! É muito boa para todos, sempre foi...sei que ela sofre muito com eu estar aqui dentro, que anda sempre a chorar pelos cantos da casa, triste... Mais à frente disse que para além de maltratar os filhos, o pai também agredia a mãe.

[Tinha irmãos ou irmãs? Dava-se bem com eles?]

- Sim, somos 6 irmãos: 4 rapazes e 2 raparigas... (Q) Eu sou mais ou menos o do meio. Dois são mais velhos, um rapaz e uma rapariga e três mais novos que eu.

[Havia disciplina em casa, as coisas eram rígidas? Havia muitas regras? Quantas vezes quebrou as regras (desobediências, mentiras, fugas de casa, furtos, ...)? Em que idade? Porquê? Foi castigado?]

- Havia, quando o meu pai estava...ele tinha mau feitio...quando ele não estava era tudo bom, com a minha mãe...

[Alguém em sua casa teve problemas com a policia/tribunais? O que é que aconteceu?]

- Só esta situação e outra que não sei se a Dra. tem conhecimento...também tenho um processo por uma confusão que houve, mas isso não deu em nada... (contou o que tinha sucedido numa festa da aldeia dos seus pais em que foi acusado de agredir

vários membros da família, o que este nega peremptoriamente, alegando ter sido mais uma “armação” da irmã e do cunhado).

[Alguém em sua casa teve problemas mentais ou físicos graves? Quem? E problemas com o consumo de álcool ou drogas?]

- Não, acho que não...

2. Alguma vez foi vítima de abuso físico, sexual ou emocional? [Por quem? Com que idade(s)? O que é que aconteceu?]

- Referiu novamente o facto do pai ter “mau feitio” mas só depois de lhe perguntar o que significava esse “mau feitio”, disse a muito custo ter sido vítima de agressões físicas (assim como os seus irmãos e a sua mãe) por parte do seu pai desde muito pequeno até ter saído de casa. Quando lhe perguntei se foi vítima de abuso sexual respondeu-me “porra, acha doutora?!”.
 - Não, acho que não...

3. Que idade tinha quando saiu de casa? [Porquê?]

- 16 anos. Fui trabalhar para o Algarve nas obras.

4. Alguma vez se “fez à estrada” e viajou sem planos?

- Não

5. Como é actualmente o seu relacionamento com a sua família? [Quantas vezes contacta com eles? O que é que eles fazem agora? Como é que eles estão?]

- Com essa irmã (mãe da vítima menor) e o meu cunhado não falo, a minha irmãzinha, a mais novinha ficou do lado dela, mas com o resto é muito bom... ligo à minha mãe todos os dias, eles vêm-me cá visitar todos os fins-de-semana, às vezes sou eu que tento arranjar desculpas para eles não virem, porque é tão longe e custa-me fazer-lhes isso...

G – RELACIONAMENTO INTERPESSOAL/SEXUAL

1. Quantos relacionamentos de vida em comum teve (hetero/homossexuais)? [Quantas vezes esteve casado ou viveu em comunhão de mesa e habitação?]

- Na Suíça tive a minha grande desilusão, acho que é por isso que depois disso nunca fui muito certo com as outras... (Q) Gostei de uma rapariga e estivemos juntos dois anos, mas ela traía-me e enganava-me... toda a gente me avisava mas eu não queria chegou a roubar-me e à minha família e depois deixou-me para ficar com outro indivíduo... (diz isto com um sorriso na cara, contrário ao tom de voz e postura com que o diz). Depois disso, relação assim mais séria foi com a mãe da minha filha, quando voltei para Portugal e estava na tropa (conta que ela engravidou propositadamente a conselho da sua mãe e que a relação terminou de vez com esta quando no dia em que foram registar a filha (actualmente com 14

anos) ele descobriu que ela tinha apenas 15 anos àquela data, quando ele tinha 23). Diz que sempre ajudou e procurou estar perto da filha e que se dá bem com a mãe desta. Mais tarde, cerca de um ano depois, conheceu outra rapariga que era cunhada do irmão da rapariga da Suíça (faz questão de dizer que ela tinha 19/20 anos quando a conheci), também ela engravidou com o mesmo propósito, segundo ele. Actualmente o filho tem 13 anos e o Sr. A.A. perdeu o contacto com ele há dois, desde que este foi com a sua mãe e o seu marido viver para a Suíça. Ao mesmo tempo que teve esta relação estava já com a sua namorada actual, com quem tem uma relação há 13 anos, apesar de nunca terem vivido juntos (devido ao seu emprego, diz o Sr. A.A.) pois estava à espera de ter alguma segurança profissional e estabilidade.

2. Alguma vez esteve profundamente apaixonado? [Por quem?]
 - Pela rapariga da Suíça.
3. Com que idade teve a sua primeira relação sexual?
 - Não me lembro...
4. Quantos parceiros sexuais diferentes teve?
 - Sempre tive muitos namoricos, também é isso que me complica a situação aqui, mas eu era um rapaz livre...
5. Alguma vez teve relacionamentos com mais de um parceiro ao mesmo tempo?
 - (Já foi respondida anteriormente de forma indirecta)
6. Alguma vez foi infiel ao seu parceiro? [Quantas vezes? Em que idade(s)? O parceiro alguma vez veio a saber? Qual foi a reacção dele?]
 - Fala mais uma vez da desilusão amorosa que sofreu na Suíça com que justifica ter-se “portado mal” com algumas mulheres a partir daí, refere-se especificamente à mãe do seu segundo filho quando esta descobriu que ele estava a enganá-la (com a actual namorada) “ela dizia mesmo, eu se a encontro esfaqueio-a toda!”
7. Tem filhos ou enteados?
 - (Já foi respondido anteriormente)

H – CONSUMO DE DROGAS

1. Consome álcool ou drogas?
 - Não, não vou dizer que nunca experimentei, já experimentei por curiosidade uma vez na Suíça, mas assim continuar, nunca. Álcool bebia assim de vez em quando, quando saía à noite por exemplo...
2. Alguma vez fez coisas loucas ou perigosas só por

divertimento/brincadeira? [Que género de coisas? Em que idade(s)?]

- Não

3. Com que frequência se envolve em brigas?

- Não me envolvo. Quer dizer, lá na discoteca às vezes tinha de ser, mas não era eu que começava...

I – COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

1. Quando era novo(a) fez alguma brutalidade fora da escola? (vandalismos, atear fogos, maldades em animais, furtos, ...)?

- Não

2. Alguma vez teve problemas com a polícia quando era miúdo? (<12) [Porquê? Com que idade(s)?]

- Não.

3. Foi preso quando era jovem (<18) [Quantas vezes? Em que idade(s) Porquê? Foi condenado(a)?]

- Não. Só tive umas multas, como toda a gente...

4. Que idade tinha quando começou a cometer crimes? [Que género de coisas é que fazia?]

- Não cometi nenhum...

J – COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL ADULTO

1. Porque é que está condenado agora (ou de que foi acusado)?

- O sujeito nem chega a responder à pergunta porque nega desde o início o crime de que foi acusado e condenado. Conta uma série de situações e factos que, segundo ele, sucederam desde 2003 e envolvem a sua irmã (mãe da vítima), dois dos seus cunhados, o padrasto da vítima e o marido da sua irmã mais nova (que também foi acusado e condenado por abusar sexualmente da menor). Alega que tudo se explica através de interesses e dinheiro por parte dos pais da menor e que tudo não passa de um complô contra ele. Menciona também que são estes quem abusa fisicamente da menor (“a minha irmã bate-lhe muito, ela tem um feitio...nem lhe conto...muito mau feitio, como o meu pai tinha”) chegando mesmo a dizer que “se houve alguém que abusou da X foi o padrasto” e que depois a manipularam e obrigaram a mentir e prejudicá-lo.

2. Acha que as acusações/pena que cumpre afectará a sua vida futura? [Como?]

- (Já foi respondido anteriormente)

3. Que outros tipos de crimes o levaram à prisão em adulto?

- (Nunca esteve preso antes assim como nunca tinha cometido nenhum crime).
4. A quem se deve a culpa dos crimes que cometeu?
- (O sujeito nega peremptoriamente ter cometido algum crime, pelo que a questão não se adequa ao caso)
5. O que é que poderia ajudá-lo a afastá-lo do crime?
- (O sujeito nega peremptoriamente ter cometido algum crime, pelo que a questão não se adequa ao caso)
6. Está arrependido dos crimes que cometeu? Porquê?
- (O sujeito nega peremptoriamente ter cometido algum crime, pelo que a questão não se adequa ao caso)
7. Que efeito é que tiveram os seus crimes nas vítimas? [Como é que se sente ao pensar nas vítimas? Teve contacto com elas?]
- Sei que ela sofre muito por ser obrigada a fazer-me isto (refere-se à menor).
8. Os seus crimes são mais impulsivos (raiva de momento) ou planeados?
- (O sujeito nega peremptoriamente ter cometido algum crime, pelo que a questão não se adequa ao caso)
9. O que é que sente quando comete um crime? [Está nervoso? Excitado? Assustado?]
- (O sujeito nega peremptoriamente ter cometido algum crime, pelo que a questão não se adequa ao caso)
10. Alguma vez cometeu crimes e não foi apanhado? [Quais? Quantas vezes? Em que idade(s)?]
- (O sujeito nega peremptoriamente ter cometido algum crime, pelo que a questão não se adequa ao caso)
11. Já usufrui de medidas alternativas à pena de prisão (regime de prova, pena suspensa, ptfc, multas...)? [Quais, quantas vezes, em que idade(s)? Alguma lhe foi revogada? Porquê?]
- Não.
12. Já usufrui de liberdade condicional? [Quantas vezes, em que idade(s)? Foi revogada? Porquê?]
- Não, a meio da pena penso que devo sair em condicional...mas ainda falta tanto tempo... (emociona-se)
13. Alguma vez usou alcunhas ou nomes falsos? [Porquê? Quais? Quantas vezes?]
- Não.

K – QUESTÕES GERAIS

1. Sem ser crimes, alguma vez fez alguma coisa de que se arrependa de ter feito ou pela qual se sentiu culpado? [O quê? Porque é que sentiu mal?]

- Não...acho que não...arrependo-me se me ter portado mal com as mães dos meus filhos, não gosto de fazer as pessoas sofrer.

2. Mesmo que o preço valesse a pena, há alguma coisa que não faria? [O quê?]

- Várias...por exemplo, nunca ia matar...o que eu queria fazer por dinheiro era só mesmo trabalhar!

3. Quando trabalha durante muito tempo numa coisa, aborrece-se com facilidade?

- Não, eu acho que se estivermos a fazer uma coisa que gostamos não nos fartamos, eu gosto de fazer as coisas bem feitas, claro que se não gostarmos pode ser chato.

4. Mente muito?

- Não...quer dizer, toda a gente mente (fica um pouco corado quando responde).

5. Acha que as pessoas são fáceis de “levar” ou manipular?

- Não, quer dizer, depende... mas acho que hoje em dia cada vez é mais difíceis.

6. As pessoas dizem que tem “mau feitio”?

- Não, acho eu que não, senão não tinha tantos amigos...

7. Quantos amigos íntimos é que tem?

- Vários.

8. Como é que se sente a si-próprio?

- (Não houve tempo para colocar a questão)

9. Morreu-lhe alguém chegado?

- (Não houve tempo para colocar a questão)

10. O que é que mais o entristeceu?

- Esta situação, estar aqui dentro...e também aquela desilusão da Suíça...

11. O que é que o tornou mais feliz?

- (Não houve tempo para colocar a questão)

12. Está satisfeito com a vida até agora?
- (Não houve tempo para colocar a questão)